

**Relatório
de Estágio na Assírio & Alvim**

Cátia Isabel Marques Ribeiro

**Relatório
de Estágio de Mestrado em Edição de Texto**

Data (Março, 2012)

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à
obtenção do grau de Mestre em Edição de Texto realizado sob a orientação
científica de Fernando Cabral Martins

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Doutor Fernando Cabral Martins pela orientação prestada ao longo da redacção deste relatório,

Ao director Manuel Rosa pela oportunidade de estágio fornecida e orientação ao longo do estágio,

Aos professores de mestrado pelos ensinamentos facultados,

Aos meus amigos pelo apoio e paciência constante,

Ao André Cardoso pelo apoio contínuo durante o mestrado, o estágio e a redacção deste relatório,

Aos meus pais por me terem dado a possibilidade de chegar até aqui.

ÍNDICE

Introdução.....	1
1. O digital no mundo da edição e o mercado editorial	4
1. 1. A Era Digital.....	4
1. 2. O mercado editorial em Portugal e as grandes concentrações.....	5
2. A Assírio & Alvim	8
2.1. História	8
2.2. Política editorial e catálogo da Assírio & Alvim	10
2.3. Prémios atribuídos	13
3. O estágio curricular na editora Assírio & Alvim	14
3.1. Antes do estágio	14
3.2. Introdução às tarefas desenvolvidas no estágio	15
3.2.1. Descrição das tarefas desenvolvidas	16
3.2.1.1. Reedição de <i>O Amor é Fodido</i> , de Miguel Esteves Cardoso	16
3.2.1.2. Reedição de <i>Se não Sabe Porque é Que Pergunta</i> , de João dos Santos e João Sousa Monteiro.....	19
3.2.1.3. Edição fac-similada de um manuscrito de Luiz Pacheco.....	22
3.2.1.4. Revisão cotejada de <i>Morte a Crédito</i> , de Louis-Ferdinand Céline.....	23
3.2.1.5. Correção da bibliografia de Eduardo Batarda	25
3.2.1.6. Composição de <i>Embriões</i> , de Teixeira de Pascoaes	27
3.2.1.7. Actualização da filmografia de Manoel de Oliveira	28
3.3. Outros conhecimentos	30
3.4. Reflexão final	32

Conclusão	35
Bibliografia	37
Anexos	

Introdução

O relatório que se segue pretende dar a conhecer, de forma clara e objectiva, a minha reflexão sobre a aprendizagem fornecida pelo mestrado em Edição de Texto, no que diz respeito à sua componente não lectiva, figurada por um estágio curricular na editora Assírio & Alvim.

A escolha desta instituição, para constituir o estágio referido, teve origem no seu elevado prestígio no mercado editorial, com obras de extremo rigor no seu tratamento. A Assírio & Alvim publica livros das mais diversas áreas, desde literárias a artísticas, a científicas e gastronómicas, todas com o mesmo grau qualitativo. Assim, a ideia de trabalhar com textos tão variados aliciou-me pela oportunidade de adquirir uma visão e conhecimentos pormenorizados sobre uma multiplicidade de assuntos. Considerei ainda que a escolha desta editora iria, também, constituir um bom ponto de partida para a minha inserção no mercado de trabalho em geral.

O estágio teve a duração de quatro meses, com início em Setembro e conclusão em Dezembro. Respeitou os requisitos exigidos pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL), que vão desde a carga horária até aos procedimentos patentes no protocolo. Com a condição de ter dois orientadores, um para me auxiliar no local de trabalho e outro com ligação à faculdade, escolhi o Professor Dr. Fernando Cabral Martins para me orientar no relatório e o Dr. Manuel Rosa, editor e director da Assírio & Alvim, como meu orientador durante o período de estágio.

Com a leitura deste relatório torna-se evidente que o meu trabalho na editora debruçou-se principalmente em revisão de texto literário e preparou-me bem para essa componente da edição. Embora não tenha chegado a contactar directamente nenhum autor, compreendi de forma breve como são tratados alguns assuntos relativos ao livro, que são discutidos directamente com quem o escreveu. É importante a discussão entre as duas partes, visto que o autor está de tal modo familiarizado com o texto que ignora inconscientemente alguns dos seus erros por mais releituras que faça e, por isso, torna-se crucial a possibilidade de confiar na ajuda de alguém que

compreende a literatura e domina a linguística, como é o caso dos revisores experientes. Assim, o revisor tem de se mostrar prestável, flexível e paciente na sua relação com o autor, respeitando sempre a sua vontade e interferindo apenas quando estritamente necessário. Além destas características pessoais, tem de ser polivalente e adaptar-se a qualquer tipo de texto, seja técnico, literário ou utilitário.

O relatório redigido está dividido em três partes que abordam assuntos distintos, cada uma com as subdivisões respectivas. A terceira parte é a mais extensa porque diz respeito à minha experiência dentro da editora, e sendo este o ponto essencial a ser tratado, decidi ser específica na apresentação das actividades realizadas, destinando um subcapítulo a cada uma.

O relatório introduz-se com uma breve reflexão baseada em factos da actualidade, que demonstram as principais mudanças sofridas pelo livro e consequentemente pelo mundo editorial. Em seguida, partindo do geral para o particular, dou a conhecer o estado do mercado editorial português, evidenciando a sua tendência. Considerei de grande interesse a abordagem destes assuntos na parte inicial do relatório, por ter estagiado numa editora e ter trabalhado com o «objecto livro». Tendo tido contacto com este mundo por dentro e numa instituição que ainda não sofreu as principais mudanças sentidas no mercado, julgo que uma reflexão sobre o que se passa «lá fora» é importante para exhibir uma imagem global do mundo da edição. Contudo, por considerar pouco pertinente uma visão demorada e pormenorizada acerca desse assunto, introduzi, de seguida, no segundo capítulo informações respeitantes à editora Assírio & Alvim, onde dei a conhecer, de forma sumária, a história da sua fundação e a política editorial, bem como os seus principais motivos de prestígio. A terceira e última parte que, como já referi, considero a mais importante dá a conhecer com pormenor as acções desenvolvidas na editora, desde a ideia de estagiar na mesma, até à conclusão do estágio, passando pelas diversas tarefas realizadas, com referência às principais dificuldades encontradas e à aprendizagem adquirida, que conduziram à melhoria do meu conhecimento acerca do modo como uma editora se organiza e do trabalho de revisão, identificando, ainda, ideias superficiais sobre outros tipos de aprendizagens, que introduzi no capítulo 3.3.

Por fim, a conclusão ilustrará uma reflexão geral que incidirá sobre a importância do estágio, como componente não lectiva no contexto académico e profissional.

1. O digital no mundo da edição e o mercado editorial

1.1. A Era Digital

Nas últimas décadas do séc. XX verificou-se que o desenvolvimento das novas tecnologias originou profundas alterações no mundo editorial e nos meios de comunicação em geral. Estas mudanças reflectiram-se inevitavelmente no livro. Os próprios textos têm mudado com o surgimento da interactividade, da edição electrónica e do livro electrónico (*e-book*), bem como as publicações, graças à normalização das edições de autor¹. Ademais, o mercado encontra-se em constante transformação, seja pela proliferação das livrarias virtuais, seja pelo aumento das grandes concentrações editoriais.

O caso da impressão a pedido (IAP)² facilita a publicação de um autor desconhecido, prestando-lhe acompanhamento editorial nas várias etapas de edição, embora todos os custos sejam suportados pelo interessado. Em Portugal, a Edições Ecopy é um exemplo de uma editora tradicional que fornece este tipo de serviço, embora também existam outras *online* como a Lulu e a Bubok que trabalham para o mesmo fim.

As novas tecnologias tornaram a pré-impressão e o acesso aos dados informáticos (nas livrarias, por exemplo) mais rápidos. Tal como Manuel Martins demonstrou na sua obra *Profissões do Livro – editores e gráficos, críticos e livreiros*: o tempo de produção diminuiu substancialmente em comparação com os velhos processos, a fluência com que a informação circula permite ter acesso a um livro estrangeiro antes de este ser publicado e a paginação e preparação do original são mais rápidas. Além destas evoluções na produção, com destaque para a pré-impressão, o próprio livro, como suporte de leitura, está a transformar-se.³

¹ MARTINS, Jorge Manuel, *Profissões do Livro – editores e gráficos críticos e livreiros*, Lisboa: Verbo, 2005, p. 81.

² POD - *Print on Demand*.

³ MARTINS, Jorge Manuel, *Profissões do Livro – editores e gráficos críticos e livreiros*, Lisboa: Verbo, pp. 312, 313.

O número de adeptos dos *e-books* tem aumentado rapidamente: só no Reino Unido vendeu-se mais de um milhão de *e-readers* antes do Natal passado. O Anexo 1 demonstra esta notícia na íntegra. De facto, a aderência tem sido tal que as editoras têm acompanhado esta tendência. Como se pode observar pelo Anexo 2, segundo um estudo, 63% das editoras vão aderir às plataformas digitais este ano. O novo formato do livro oferece algumas vantagens, como a facilidade de transporte, os preços mais acessíveis, a redução da incerteza das tiragens e dos custos de transporte e armazenamento⁴, beneficiando géneros menos vendidos como a poesia, o teatro e as reedições. Os *e-books*, em conjunto com as vendas *online*, diminuem a dependência que os editores e distribuidores têm das livrarias, passando estas a conjugar as vendas tradicionais com as virtuais. Por outro lado, o livro tipográfico revela-nos a materialidade, o grafismo e o formato; tem marcas do tempo e ao ser folheado conseguimos ter melhor perspectiva do avanço da leitura. Mesmo comparando preços, o livro electrónico não partilha a tradição de empréstimo que é própria do livro tradicional e está dependente de fontes de energia, revelando uma certa falta de autonomia e incerteza próprias dos meios electrónicos, entre outras desvantagens.⁵

1.2. O Mercado editorial em Portugal e as grandes concentrações

O mercado editorial em Portugal tem estado em constante transformação com a crescente tendência para as concentrações editoriais. Observemos a realidade da Porto Editora, conhecida pela sua vertente escolar e pelos seus dicionários, que detém actualmente inúmeros serviços multimédia dedicados a esta área. É ainda detentora da Wook, a maior livraria *online* nacional, sendo uma das maiores concentrações que se verificam em Portugal, apostando também noutros países lusófonos⁶. Adquiriu diversas editoras, com especial destaque para a Bertrand e sua distribuidora, absorvendo uma grande cadeia de livrarias e enriquecendo o seu catálogo com obras literárias.

⁴ VALE, Francisco, *Autores, Editores e Leitores*, Lisboa: Relógio D'Água Editores, p. 21.

⁵ VALE, Francisco, *Autores, Editores e Leitores*, Lisboa: Relógio D'Água Editores, pp. 22 e 23.

⁶ A Porto Editora tem investido em Angola e Moçambique com a criação da *Plural Editores Angola* e a *Plural Editores Moçambique*, ambicionando expandir-se para o mercado de Timor-Leste.

A LeYa é outro exemplo de uma grande concentração e pretende tornar-se a maior no que diz respeito às publicações de língua portuguesa, dando grandes passos nesse sentido. Inclui 16 editoras portuguesas, a moçambicana Ndjira e a angolana Nzila, além de se ter expandido para o Brasil. Tem ainda uma colecção de livros de bolso, a Bis, e uma livraria *online*.

Por fim, outro grupo que se destaca é o Babel, de Paulo Teixeira Pinto, que nas suas palavras ambiciona «tornar-se o melhor e não o maior. Nunca uma edição comercial ou popularucha».⁷ Para ver mais sobre esta informação, consulte-se o Anexo 3 com a notícia retirada do *DN Artes*. A Babel inclui editoras como a Verbo, Guimarães, Pi, Ulisseia, Ática, Centauro, entre outras, cada uma dedicada a géneros específicos.

Os *best-sellers* têm-se concentrado nestes grupos e os autores mais vendidos seguem a mesma tendência, o que se pode tornar perigoso para as pequenas e médias editoras que tentam sobreviver neste cenário.

Felizmente, ainda existem casas editoriais independentes, como a Assírio & Alvim, a Cotovia, a Cavalo de Ferro e a Relógio d'Água, entre outras. Mesmo algumas destas fizeram frente às conjunturas do mercado com a criação de certas medidas como a colecção de livros de bolso – Biblioteca Editores Independentes (BI), resultante da sociedade entre a Assírio & Alvim, a Relógio d'Água e a Cotovia. Esta foi, sem dúvida, uma ideia proveitosa, pois permite aos leitores usufruir de livros bons, cuidadosamente editados e bem traduzidos, a preços acessíveis, que rondam em média os doze euros. Autores como Homero, Eça de Queirós, Victor Hugo ou Camilo Castelo Branco podem ser encontrados nesta colecção. No entanto, esta sociedade já não edita livros em conjunto devido à independência da própria BI.

A Assírio & Alvim tem conservado o seu lugar firme no mercado editorial, embora não tenha mantido a sua distribuidora, ao realizar uma parceria com a Porto Editora em Agosto do ano passado, como se pode constatar no Anexo 4. Tal parceria não afectou, contudo, a sua independência.

⁷ «Grupo Babel contra edição popularucha». *DNArtes* [Em linha]. 29.11.2009 [Consult. 18.01.2012]. Disponível em WWW: <http://www.dn.pt/nicio/es/interior.spx?contentid=1433739&seccao=Livros>.

No entanto, mais recentemente a editora sofreu uma nova mudança com a compra da sua chancela e de todo o catálogo pela Porto Editora, como mostra a notícia inserida no Anexo 5. Manuel Rosa lançou, entretanto, uma nova chancela dedicada aos livros de arte, denominada Documenta. A produção e a distribuição dos livros da Assírio & Alvim passam agora a estar a cargo da Porto Editora.

2. A Assírio & Alvim

A partir deste capítulo, o relatório centrar-se-á apenas em assuntos relacionados directamente com a editora Assírio & Alvim.

No presente capítulo será dada uma noção da sua história, desde a fundação até aos dias de hoje. Considero esta informação útil, não só pela contextualização do meu trabalho, pois julgo pertinente o fornecimento de informações acerca do local onde estagiei, mas também porque desde o desaparecimento do *site* da editora que ninguém tem acesso a este tipo de informação.

Além da história, fornecerei algumas informações sobre as principais colecções presentes no catálogo, bem como da política editorial que lhe é associada. Por fim, é sempre vantajoso dar a conhecer alguns dos autores que foram premiados na editora.

2.1. História

A Assírio & Alvim foi fundada no dia 10 de Novembro de 1972 por cerca de vinte sócios, constituindo-se como uma empresa por quotas. O seu nome deve-se à junção do primeiro nome do sócio com a quota maioritária, Assírio Bacelar, com o apelido do sócio com a quota minoritária, João Carlos Alvim.

Desde essa época, destaca-se como uma editora com obras de referência, sendo que nessa altura a sua especialização era os livros de ciências sociais, psicanálise e sociologia. Um nome importante que inaugurou o seu catálogo foi Gilles Deleuze, com o livro *Sade / Masoch*.

Após o 25 de Abril, a editora passou por momentos difíceis, visto que grande parte dos sócios abandonaram-na, obrigando os trabalhadores, que se mantiveram, a formar uma cooperativa em autogestão, ficando à frente da empresa.

Por volta das décadas de 70 e 80, com a evolução do regime democrático, a cooperativa voltou a ser uma sociedade por quotas, formada pelos elementos da antiga cooperativa e por Manuel Hermínio Monteiro, que entrou na editora em 1974 como vendedor, assumindo, em 1983, o comando da empresa, numa altura em que

esta passava por dificuldades. Como director, ajudou na sua recuperação e projectou a publicação do que de melhor existe de poesia nacional e internacional. Criou condições favoráveis para a edição de obras de novos autores, embora garantisse, ao mesmo tempo, a publicação de autores mais velhos e de renome, como Herberto Helder e Mário Cesariny. Empenhou-se, ainda, na divulgação de escritores portugueses, como Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Teixeira de Pacoaes, Al Berto, Luiza Neto Jorge, António Maria Lisboa, entre vários outros. Assim, Hermínio Monteiro salvou a editora da falência e tornou-a numa das mais prestigiadas a nível nacional. Além de editor, também inaugurou uma galeria de arte, onde expôs obras de pintores, fotógrafos, escultores e outros artistas plásticos, contribuindo para a divulgação de outras formas de arte neste universo cultural. Em 1986 criou a revista trimestral *A Phala* que se manteve até 2002⁸ e abriu uma livraria no cinema King, em 1995, e outra no Porto, em 1998, onde organizou lançamentos de livros e debates.

Um dos seus últimos investimentos para a divulgação da poesia passou pela edição de *Rosa do Mundo — 2001 Poemas para o Futuro*, em parceria com a Porto 2001 — Capital Europeia da Cultura, que reúne 2001 poemas de todo o mundo e de todas as épocas.

Em 2001, com a morte de Hermínio Monteiro, Manuel Rosa assume-se como administrador único da Assírio & Alvim. Em finais de 2005 surge outro período difícil para a empresa, vendo-se esta obrigada a reestruturar-se, passando pela dispensa de muitos funcionários e pela redistribuição de tarefas e responsabilidades.

Actualmente, a editora conta com a presença contínua de sete funcionários: o director Manuel Rosa; o subdirector Vasco David; os revisores António Lampreia, Ana Barradas (que actualmente exerce a sua função à distância) e Helena Roldão; a paginadora Graça Manta e a responsável pelo *design* Ilda David. Existem ainda muitos colaboradores, que não cheguei a conhecer, à excepção de Aníbal Fernandes, e funcionários do armazém e contabilidade. Detém duas livrarias em Lisboa, uma na rua Passos Manuel, na Estefânia e outra na rua Garrett, no Chiado.

⁸ Recentemente a editora compilou os 100 volumes da revista numa edição encadernada.

2.2. Política editorial e catálogo da Assírio & Alvim

Desde a sua fundação até aos dias de hoje, a Assírio & Alvim é vista como uma editora de renome e qualidade inquestionável, marcada pelo nome dos autores que constituem o seu catálogo e pela qualidade das suas edições, cujo grafismo atraente (da capa e contracapa) seduz o leitor pela sua beleza e simplicidade e o tipo de letra e mancha utilizada, em conformidade com o papel amarelado, permite uma leitura pausada e agradável, sem prejuízo para a vista. Com o passar dos anos e aproximando-nos da actualidade, estas questões de *design* têm vindo a melhorar e a revisão mantém-se única na sua qualidade.

A editora tem resistido à facilidade de publicação em massa, principalmente de autores e obras que vendem muito, mas cuja qualidade não é garantida, mantendo o seu ideal de apenas publicar aquilo que é considerado o melhor. Não tem impulsionado a divulgação de autores desconhecidos, provavelmente porque em época de crise esta pode não ser uma política favorável, embora também seja verdade que muitos bons novos autores, que não são conhecidos, possam estar a ser desperdiçados. Assim, depois de estar em contacto com a editora durante quatro meses, confirmo a sua tendência para as reedições.

No que diz respeito ao catálogo, este abrange um variadíssimo leque de colecções com autores consagrados a nível nacional e internacional, tanto nos campos da poesia como da ficção. Verificamos que existem colecções dedicadas a um único autor, quando este é muito conhecido e crucial para o desenvolvimento de alguns movimentos culturais e literários que surgiram na sociedade portuguesa. É o caso da colecção Obras de Fernando Pessoa, que inclui a sua obra completa, e também de Teixeira de Pascoaes, Mário de Sá-Carneiro, Alexandre O'Neill, Ruy Belo, Al Berto, entre outros. A colecção Documenta Poética dedica-se, como o próprio nome indica, à publicação de poesia de outros autores importantes, sobretudo estrangeiros, embora também se encontrem poetas portugueses, como Herberto Helder, Cesário Verde ou Gastão Cruz. No que diz respeito aos primeiros, as suas edições são, por norma, bilingues e destacam-se Charles Baudelaire com *As Flores do Mal*, Friedrich Holderlin com *Elegias*, Walt Whitman com *Canto de Mim Mesmo*, Rainer Maria Rilke com *As*

Elegias de Duíno, entre outros. Também podem ser encontradas antologias importantes como *O Meu Coração É Árabe*, *Antologia da Poesia Espanhola do «Siglo de Oro» I — Renascimento*, *Antologia da Poesia Espanhola do «Siglo de Oro» II — Barroco* ou *Rosa do Mundo — 2001 Poemas para o Futuro*. Ainda sobre este género, a editora criou uma colecção exclusiva para poetas portugueses denominada Poesia Inédita Portuguesa, na qual destaco os exemplos de Nuno Júdice, José Agostinho Baptista, Fiama Hasse Pais Brandão e Manuel António Pina.

Segue-se a colecção Sons, que assinala a tendência para o interactivo. Neste caso, dá-se a junção entre o imediato e a leitura, onde alguns poemas são lidos por personalidades famosas, transmitindo acção àquilo que é estático.

Uma outra colecção que captou o meu interesse pela sua temática é a Assíria, constituída por textos clássicos, de vários locais do mundo. Observe-se o caso de *Uma Antologia de Poesia Chinesa — Do Shijing a Lu Xun*, cuja introdução e notas explicativas nos elucidam acerca de algumas dinastias da China e apresentam imperadores que também eram poetas. O *Livro dos Mortos do Antigo Egipto* remonta para uma tradição religiosa repleta de mistérios e rituais, e os vários volumes da *Bíblia Ilustrada* relatam episódios bíblicos acompanhados de maravilhosas pinturas de Ilda David, artista destacada como representante da pintura portuguesa contemporânea, conhecida por ilustrar outras obras portuguesas e estrangeiras.⁹

A colecção Gato Maltês compreende a ficção estrangeira e nacional, de pequena dimensão e, como diz o folheto promocional de 1986, disponível no Anexo 6, «pretende, em pequenas dimensões e sob excepcional aspecto gráfico, dar ao conhecimento do leitor português um leque diversificado do melhor da literatura universal».¹⁰

O Imaginário reúne obras de ficção estrangeira e destaca nomes como Joseph Conrad, Ferdinand Céline, Franz Kafka ou Fiódor Dostoiévski, e A Phala abrange a

⁹ É o caso de *Fausto*, de Goethe editado pelo Círculo de Leitores e Relógio d'Água, que deu origem à exposição «Incubus» na Sala Jorge Vieira do Pavilhão das Exposições, no Parque das Nações.

¹⁰ «Gato Maltês – 30 anos». *Assírio & Alvim* [Em linha]. 01.01.2011 [Consult. 18.01.2012]. Disponível em <http://assirioealvim.blogspot.com/search?q=gato+malt%C3%AAs&updated-max=2011-01-21T22%3A47%3A00Z&max-results=20>

ficção portuguesa com autores como Miguel Esteves Cardoso, Dinis Machado (que também assina como Dennis MacShade) e António Mega Ferreira, entre outros.

Além destas, existem ainda outras colecções, cada uma especializada num género concreto, desde novelas góticas da colecção Beltenebros, a obras de psicanálise, fotografia, cinema e cozinha (colecção Coração, Cabeça e Estômago).

Para públicos mais específicos, como os ornitólogos, a colecção Rosa-dos-Ventos poderá ser uma ajuda, por incluir guias de aves devidamente ilustrados que fornecem todo o tipo de informação que estes possam desejar. Para as crianças, a Assirinha é um bom exemplo de livros infantis com uma componente didáctica específica. Destaco que para esta última colecção está a ser utilizado o novo acordo ortográfico. Dentro da editora, informaram-me que o novo acordo é empregue somente em novas edições infantis ou em obras cujo o autor assim o deseje. Assim, é mantida a sua posição de continuar a publicar segundo o velho acordo ortográfico, tendo sempre em conta a vontade do autor.

Como podemos observar pela análise do catálogo, a norma de publicação da Assírio & Alvim tem-se vindo a alterar com o passar dos anos. Como já referi, em 1972 especializou-se na edição de livros de ciências sociais, passando mais tarde (com a entrada de Hermínio Monteiro) a dedicar-se sobretudo à poesia, chegando mesmo a ser denominada como uma «casa de poetas». Actualmente, encontra-se mais abrangente com a inserção de obras de filosofia, psiquiatria, artes, destacando-se as colecções Arte e Produção e Livros de Fotografia. Neste último caso, a vertente de fotógrafo de autores como Lewis Carroll é-nos dada a conhecer no livro *Meninas*, por exemplo, e apontamentos de viagens de Duarte Belo são-nos fornecidos a partir das suas fotografias, em *O Vento Sobre a Terra — Apontamentos de Viagens*.

Desta forma, a Assírio & Alvim tem-se tornado uma editora cada vez mais polivalente, por tratar assuntos completamente diferentes, ao mesmo tempo que mantém o rigor e qualidade gráfica para cada um. Assim, os interessados, seja de que assunto for, podem ter a certeza de que a obra escolhida será sempre uma boa edição e certamente irá ao encontro dos seus interesses.

2.3. Prémios atribuídos

Ao longo dos anos tem sido regular a atribuição de prémios a autores do catálogo da Assírio & Alvim, revelando-se este um factor relevante para o seu estatuto no mercado.

O tradicional Prémio P.E.N. Clube Português distingue as melhores produções editadas no ano anterior em áreas como a Novelística, a Poesia, o Ensaio e a Primeira Obra, incluindo ainda, até 2007, o Grande Prémio de Tradução. Este é apenas um dos prémios atribuídos aos seus autores, mas existem outros. Como exemplo observamos a autora Maria Velho da Costa, cujo livro *Myra* recebeu recentemente o Prémio Literário Casino da Póvoa promovido pelas Correntes D'Escritas, embora essa obra já tivesse sido galardoada com o Prémio Ficção/Narrativa P.E.N. Clube e com o Prémio Máxima de Literatura.

João Barrento é outro exemplo de um autor premiado, no seu caso, com o Prémio D. Dinis 2010 pela obra *O Género Intranquilo. Anatomia do Ensaio e do Fragmento*.

Já Manuel António Pina foi galardoado com o Prémio Camões 2011, e pela sua obra *Os Livros* recebeu os prémios de poesia da Associação Portuguesa de Escritores e da Fundação Luís Miguel Nava.

Estes foram apenas alguns exemplos de autores premiados que publicam na Assírio & Alvim, pois existem muitos outros. Contudo, além dos seus autores, a própria editora recebeu distinções pelas suas colecções. Veja-se o Prémio Literatura Gastronómica, de 2010, atribuído pela Academia Portuguesa de Gastronomia. De facto, pela minha experiência, as obras desta colecção, além de serem muito completas e diversificadas nas receitas, ainda recebem um tratamento gráfico considerado de luxo. Para o afirmar, detenho-me na obra *O Melhor Peixe do Mundo*, que vi ser trabalhada, desde a revisão de provas até à sua forma final, e que apresenta um tratamento gráfico extraordinário, pouco comum nos livros de cozinha.

3. O estágio curricular na editora Assírio & Alvim

3.1. Antes do estágio

Ainda antes de iniciar o processo de candidatura para o local de estágio, com vista à resolução da componente não lectiva, já pensava na Assírio & Alvim como uma possibilidade. Deste modo, assim que se iniciaram os processos de candidatura, revelei o meu interesse em estagiar na editora e entrei em contacto com a mesma via *e-mail*. Pouco tempo depois, obtive a resposta do próprio director, o Dr. Manuel Rosa, que se disponibilizou a marcar um dia para conversármos. Tal como ficou combinado, no dia 29 de Julho fui ter à sede da editora. Depois de uma breve conversa a respeito do meu percurso académico, o director e meu orientador¹¹ explicou-me o tipo de trabalho que iria realizar ao longo do estágio. Ficou estipulado que seria bastante vantajoso para a minha formação assistir e acompanhar de perto todos os processos que envolvem a elaboração de um livro. Senti-me bastante entusiasmada, pois já tinha realizado um trabalho de fim de semestre para a cadeira Teoria da Edição que consistia nisso mesmo: em descrever todas as fases de produção de um livro, desde a pré-produção à pós-produção. No entanto, esse trabalho recaiu sobre uma edição de autor e foi sobretudo teórico. Com esta oportunidade na Assírio & Alvim, eu poderia compreender todo o processo antes de a obra entrar no mercado.

Alguns dias depois fui recebida na editora para conhecer as pessoas que lá trabalham e para me familiarizar com o espaço. Fui muito bem recebida e informaram-me que iria trabalhar no gabinete de revisão. Considerei este facto proveitoso, porque não praticámos esta tarefa com regularidade na componente lectiva do mestrado.

O estágio teve início no dia 1 de Setembro de 2011 e terminou no dia 31 de Dezembro.

¹¹ Nesse mesmo dia, o Dr. Manuel Rosa ofereceu-se para ser meu orientador durante o estágio.

Respeitou o número mínimo de 400 horas indicado no regulamento da FCSH - UNL para os estágios curriculares em Edição de Texto. Na verdade, frequentei mais horas do que este valor mínimo e senti-me bastante realizada por isso, dado que pude habituar-me a um verdadeiro horário de trabalho, neste caso a *full-time*. Graças a esse factor, consegui progredir rapidamente em algumas tarefas de composição e revisão, que não teriam sido concluídas se tivesse tido menos tempo. Aprendi a ter uma rotina mais rígida do que estava habituada, o que assinalo como factor positivo no que respeita ao estabelecimento das responsabilidades laborais.

3.2. Introdução às tarefas desenvolvidas no estágio

A primeira tarefa realizada no estágio foi-me atribuída pela paginadora Graça Manta, numa altura em que o meu orientador se encontrava ausente. Depois de terminada, não houve tempo para interrupções, com o aparecimento de diversos trabalhos simultâneos. Tornou-se comum aparecer uma actividade mais urgente, quando a anterior ainda não estava acabada. Por vezes, a Dra. Graça não me podia paginar um livro, porque tinha outros em lista de espera para saírem o mais rápido possível, e por isso tive de proceder à realização de outros trabalhos. Todavia, consegui terminar com sucesso tudo o que me foi proposto e pude sempre contar com o apoio dos funcionários para o esclarecimento de qualquer dúvida.

Embora muitas das revisões e composições efectuadas tenham sido suspensas para mais tarde serem repostas, decidi descrevê-las neste relatório de forma coesa, não evidenciando as interrupções entre as mesmas. Assim, o leitor pode seguir uma linha de leitura coerente com a informação exposta de forma cuidada e organizada.

O facto de interromper uma actividade para iniciar outra concedeu ritmo às minhas funções, pois nunca considerei o trabalho monótono, na medida em que senti a diversificação das tarefas. A realização de diversos trabalhos simultâneos sempre me agradou e, pelo que observei, esta realidade é comum no mundo editorial. Cheguei a esta conclusão não só por mim, mas também pela observação de dois revisores que me estavam próximos: António Lampreia e Helena Roldão, que num dia reviam um texto urgente, para no dia seguinte reverem outro considerado ainda mais urgente.

Esta é a realidade do mundo editorial, sempre com novas obras a sair, principalmente em época de Natal, com prazos ainda mais curtos. Contudo, devo reconhecer que embora haja um esforço conjunto para as edições se concluírem com rapidez, não pude deixar de notar que para esta editora o mais importante é a qualidade e, como tal, torna-se frequente a revisão repetida de uma obra.

3.2.1. Descrição das tarefas desenvolvidas

3.2.1.1. Reedição de *O Amor é Fodido*, de Miguel Esteves Cardoso

A primeira tarefa que me foi entregue, pela Dra. Graça Manta, consistiu, nas suas palavras, em «bater texto», que significa «composição de texto». Tal resume-se a copiar de forma integral um livro já publicado para um documento *Word* com o objectivo de preparar a obra para uma nova revisão e paginação, tendo em vista a sua reedição ou simplesmente a conversão em formato digital. No Anexo 7 está disponível uma pequena exposição deste trabalho.

O livro escolhido foi *O Amor é Fodido*, de Miguel Esteves Cardoso, pertencente à colecção A Phala, cuja última edição (a 14.^a) data de 2009. A sua primeira edição saiu em 1994 e foi um sucesso de vendas. Este livro conta a história de João, um senhor que vive num lar e recorda o grande amor da sua vida, Teresa. Retrata uma relação amorosa complicada, doentia e dependente. Para dar a conhecer um pouco mais sobre a temática, inseri no Anexo 8 a sua contracapa, que contém uma reflexão do próprio autor. Miguel Esteves Cardoso é jornalista, crítico e escritor. Trabalhou nos jornais *Expresso* e *O Jornal*; fundou *O Independente*, tendo mais tarde criado a revista *Kapa*. É conhecido pela sua regular actividade na comunicação social e participação em programas de televisão.

A composição de *O Amor é Fodido* destinou-se à 15.^a edição, numa altura em que os seus exemplares se encontravam quase esgotados. Executei a tarefa com alguma rapidez, ao contrário do que esperava, e seguidamente procedi à sua revisão cotejada para verificar se o texto copiado estava de acordo com o editado. O Anexo 9 mostra a inserção dos sinais de revisão na composição, evidenciando as discrepâncias

existentes entre a edição e as primeiras provas. Demorei mais tempo nesta etapa por não estar familiarizada com alguns dos símbolos, tais como os de falta de texto, ausência de letras ou de substituição de palavras. Além disto, de uma forma geral, não tinha prática em revisão, devido à falta de componente prática nas aulas. Contudo, pude contar com a ajuda do Dr. António Lampreia, que, desde o início, se mostrou paciente e disposto a ensinar-me. Consultei com frequência o *Novo Prontuário Ortográfico*, de José M. de Castro Pinto e outro mais antigo, denominado *Prontuário da Língua Portuguesa*, de Manuel dos Santos Alves, cujo capítulo «Sinais de correcções dactilográficas ou tipográficas» foi o mais esclarecedor. Após ter concluído esta tarefa já utilizava os símbolos com alguma segurança, embora de vez em quando me enganasse na sua redacção.

Depois de corrigir os erros directamente no computador, o texto pôde finalmente ser paginado. Não executei essa tarefa, mas observei a Dra. Graça Manta a fazê-la, enquanto me explicava algumas regras básicas de paginação. Compreendi que esta é uma fase importante no tratamento textual, pois concede-lhe melhoria estética, sendo notória a diferença entre o «antes» e o «depois». No Anexo 10 inseri uma parte paginada para se conferirem as principais alterações.

Após a paginação, as linhas quebradas desaparecem, os espaços em excesso são retirados, as palavras soltas em início de página são transpostas para a anterior, bem como as linhas brancas, e excluem-se as linhas viúvas. Para conseguir chegar a este ponto são usados vários métodos, sendo o mais frequente a diminuição de espaços entre as palavras, utilizando-se uma medida no valor de -4¹² e nunca mais do que isto, para não ficar esteticamente pouco atraente.

A pedido do Dr. Manuel Rosa, esta 15.^a edição deveria manter o mesmo número de páginas que a anterior, mas quando a paginadora terminou esta apresentava um número inferior ao pretendido. Contudo, a sua experiência permitiu-lhe resolver a situação com o auxílio de alguns truques, entre os quais o começo da paginação em número ímpar e a inserção de informações adicionais, tais como os

¹² Os espaços entre as palavras são diminuídos com a utilização das medidas -1, -2, -3, e assim por diante. A medida máxima que pode ser utilizada é a -4, pois com a utilização de um valor superior, as palavras ficariam demasiado juntas, dando origem à situação contrária à conhecida como «dentes de cavalo».

títulos da colecção A Phala, no fim do livro. O tamanho da capa e da contracapa manteve-se com 14,5cm x 20,5cm e a mancha do texto com 10cm x 15,5cm. A medida da lombada é atribuída pela gráfica, pois esta depende da espessura do papel utilizado, que pode aumentar ou diminuir o volume da mesma.

Uma vez paginado o texto, comecei a revê-lo para me certificar de que não escaparam erros. De facto, estas regras de revisão constante são importantes, pois deparei-me com dois erros logo na primeira página. Considero esta situação grave, na medida em que desacredita a qualidade da edição, por demonstrar uma má revisão. A fim de me auxiliar em caso de dúvidas sobre a concordância ou flexão verbal, consultei novamente os prontuários referidos anteriormente, nomeadamente as secções de «Advérbios», «Composição» e «Verbos». No fim desta revisão dita «textual», verifiquei na composição se os espaços em branco deixados pelo autor foram devidamente colocados.

De seguida, a Dra. Graça procedeu à inserção das correcções no documento paginado e converteu-o em *pdf*. para eu verificar se não lhe tinha escapado nenhuma correcção. Ainda encontrei duas falhas, que foram imediatamente corrigidas. Depois disto, penso que o texto ficou bastante melhor.

Este trabalho aperfeiçoou o livro, porque os erros encontrados não se limitaram às provas que eu tinha composto, mas também à própria edição anterior. Contudo, tratando-se da 14.^a edição, estes eram quase inexistentes. Acredito que a próxima pessoa a rever o texto continuará a detectar erros e provavelmente alguns irão escapar-lhe. Mas a ideia do seu melhoramento vai sendo concretizada, embora não seja garantido que chegue à perfeição.

De uma forma geral, a conclusão desta tarefa permitiu-me aprender os sinais de revisão, ganhar alguma prática com a sua inserção e adquirir novos conhecimentos ao nível do vocabulário da língua. Compreendi que todas as incertezas que surgem são favoráveis porque obrigam a um esforço para a sua resolução, aperfeiçoando o texto. Além destes aspectos, descobri quais as fases por que passam as provas de um livro até chegar à tipografia.

3.2.1.2. Reedição de *Se não Sabe Porque é Que Pergunta?*, de João dos Santos e João Sousa Monteiro

A segunda tarefa, também proposta pela paginadora Graça Manta, inseriu-se na mesma categoria que a anterior. Tratou-se, igualmente, de composição, revisão cotejada e revisão final de texto. O livro escolhido foi *Se não Sabe Porque é Que Pergunta?* pertencente à colecção Peninsulares, 5.^a edição, de 2000. Esta obra é o resultado de um programa de rádio, com o mesmo nome, transmitido entre Outubro de 1983 e Julho do ano seguinte e baseado numa conversa semanal com o psicanalista João dos Santos.

João dos Santos foi médico e psicanalista, considerado um dos mais importantes investigadores na área da psicopedagogia. O seu trabalho era sobretudo direccionado para as crianças e os seus problemas, com destaque para as que frequentam o ensino especial. Revolucionou os caminhos da psiquiatria infantil baseando-se na psicanálise, não só pelo apoio terapêutico, como também pela prevenção das perturbações, tendo o seu nome ficado associado a diversas instituições particulares de carácter preventivo.

Esta é uma obra muito diferente da tratada anteriormente, de carácter mais informativo, didáctico e interessante, na minha opinião. Por possuir tais características, a Dra. Graça considerou-o um bom exemplo para eu tratar, saindo, assim, um pouco do tema da ficção. A sua composição já tinha sido iniciada até ao capítulo X, cabendo-me a mim terminá-la e passar para as fases seguintes. Combinei trabalhar directamente no documento composto, colocando as notas de rodapé num ficheiro à parte para facilitar a sua inserção durante a paginação.

Para a composição do texto tive de ter em atenção algumas regras que a Dra. Graça considerou importantes, como a aplicação do itálico nos diálogos do entrevistador João Sousa Monteiro e do redondo nas respostas de João dos Santos. Esta medida permitiu impedir a constante repetição das siglas J.S.M. e J.S. no início de cada frase, sendo utilizadas siglas apenas noutros intervenientes. Para ilustrar esta alteração, consulte-se o Anexo 11. Considerei uma boa ideia seguir esta metodologia, uma vez que eram raros outros participantes, pois o programa era fundamentalmente um diálogo entre João dos Santos e João Sousa Monteiro, não havendo necessidade de

repetir constantemente essa informação. Terminei a tarefa sem problemas, seguindo para a etapa seguinte.

Ao longo da revisão cotejada fui melhorando a minha prática na aplicação dos sinais de revisão e aprendi a utilizá-los de forma mais simplificada. Um aspecto que estranhei em comparação com o livro *O Amor é Fodido* foi a marca de oralidade presente neste texto. Tratando-se de uma adaptação de um programa de rádio, este fenómeno é recorrente, e, por isso, não pude interferir, excepto nos casos de erros ortográficos, claro. As marcas da oralidade estavam presentes em expressões como: «... é mesmo por isso que eles querem ser psicólogos e pedagogos e professores»¹³, onde se verifica a repetição do artigo. Como este existem outros casos, nos quais não me foi permitido interferir por respeito à obra. Além disto, tornei-me sensível a alguns princípios de uniformização existentes na editora, que coloquei em prática no texto. Como se tratava da 5.ª edição, encontrei regras que hoje em dia já não se justificam, como as normas em volta das aspas baixas e dos sinais de pontuação nas citações. Aprendi que a pontuação de uma citação que se inicia com caixa baixa coloca-se após o fecho das aspas, como ilustra o exemplo destacado no Anexo 12, da página 41, ao contrário do que acontecia na 5.ª edição, onde o ponto final aparecia antes e depois das aspas. O oposto também acontece, com a colocação da pontuação antes do fecho das aspas quando a citação se inicia com caixa alta, como está patente no Anexo 13. Contudo, em relação às frases exclamativas e interrogativas, se estas começarem com caixa alta, coloca-se o ponto de exclamação/interrogação dentro das aspas, mas um ponto final depois, para concluir a frase. Como exemplo veja-se a expressão retirada da página 37: «O meu neto é o melhor do mundo, é genial!».

Aprendi, ainda, outras regras que se prendem com expressões como «ministro da Educação» ou «ministro da Marinha» que não necessitam de estar em caixa alta. O revisor António foi quem me explicou a maioria das normas utilizadas na editora, no entanto, só soube destas regras num estado avançado da revisão cotejada, o que significa que não as coloquei em prática desde o início. Felizmente, ainda faltava uma revisão para poder resolver o problema.

¹³ MONTEIRO, João Sousa, *Se não Sabe Porque é Que Pergunta?*, Lisboa: Assírio & Alvim, p.214.

Depois da revisão cotejada, a Dra. Graça paginou o texto e devolveu-mo para eu proceder à sua revisão final. Esta etapa foi essencial para resolver a questão das normas que não tinham sido aplicadas. Realizei a tarefa completamente familiarizada com os sinais de revisão e com as regras editoriais. O Dr. António confirmou-me alguns princípios que eu já conhecia, como a norma de aspas baixas nas edições portuguesas e aspas altas dentro daquelas e a utilização de aspas altas nas edições inglesas.

Uma vez paginado o texto, tive de ter em atenção a hifenização das palavras, os itálicos e os símbolos que desapareceram após aquele processo. Preocupei-me em colocar os sinais de revisão da forma mais limpa possível, pois o Dr. António informou-me que quem insere as emendas não se importa com o que eu quis dizer, mas apenas com os símbolos que coloquei.

Depois de inseridas todas as alterações, a Dra. Graça concluiu a preparação de mais uma reedição. As medidas deste livro são 16cm x 22cm e fará parte da colecção Pelas Bandas da Psicanálise, ao invés da colecção Peninsulares.

A conclusão desta segunda tarefa permitiu-me compreender determinados princípios que são empregues com vista à facilidade de leitura e à melhoria estética do texto, como é o caso dos diálogos colocados em itálico e redondo ao longo da obra. Conheci as normas de coerência presentes na editora e compreendi que, uma vez estabelecidas, estas devem manter-se desde o início até ao fim do livro. Esta actividade inseriu-me num tipo de texto que a minha pouca experiência como revisora não estava habituada. Aprendi muito com a revisão de livros tão diferentes como *O Amor é Fodido* e *Se não Sabe Porque é Que Pergunta?*, na medida em que tive de me habituar à própria «voz» do texto e respeitá-lo, mantendo os registos tais como são. Quanto à correcção de erros ortográficos, foi quase inexistente em relação à edição, embora no que toca à composição tenha sido mais frequente. Mas, de uma forma geral, não tive muitos problemas em realizar as tarefas e julgo que contribuí de forma positiva para estas reedições, pois empenhei-me muito na correcção dos erros encontrados, auxiliando-me, sempre que necessário, no *Dicionário Houaiss*. Tenho confiança de que a realização dos dois tipos de revisão melhoraram o texto e prepararam-no para uma boa apresentação ao público.

3.2.1.3. Edição fac-similada de um manuscrito de Luiz Pacheco

A terceira tarefa foi-me atribuída pelo meu orientador, Manuel Rosa, que me surpreendeu com um manuscrito inédito de Luiz Pacheco, formado, unicamente, por um extenso poema, destinado a uma edição fac-similada. Coube-me realizar a sua composição para posterior edição legível paralela ao fac-simile.

Este documento data de 28 de Abril de 1961, e intitula-se *O Único Poema*, com uma dedicatória «para o Jaime». Este Jaime refere-se a Jaime Salazar Sampaio, engenheiro silvicultor, que se iniciou na literatura com a poesia, embora seja mais conhecido como autor dramático, tradutor e crítico da obra pessoana. Descobri a quem se destinava por esclarecimento do meu orientador. Quando Jaime Sampaio morreu, a sua mulher vendeu este manuscrito por 1000€, tendo sido emprestado à editora para publicação.

Não estranhei a realização deste trabalho, porque já tinha realizado outro semelhante para o Seminário de Crítica Textual, na componente lectiva do mestrado, que consistiu, igualmente, na transcrição de originais inéditos de um autor, presentes no Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea (ACPC) da Biblioteca Nacional (BN).

Esta função pertence ao ramo da Crítica Textual, área da edição que me suscita grande interesse, sendo, por isso, um dos trabalhos que realizei com maior agrado. A questão da decifração da letra, do contacto com um documento antigo, valioso, com a marca pessoal do autor e a contribuição para a sua divulgação e preservação fez-me sentir realizada com esta tarefa.

Enquanto compunha o texto para um documento *Word*, tive de ter em atenção a sua transcrição exacta, respeitando a ortografia antiga. Pedi a opinião do Dr. António relativamente a algumas expressões que não consegui ler e consultei o *Dicionário Houaiss* para a confirmação de outras palavras. Depois de o copiar, realizei uma revisão cotejada para me certificar de que não houve falhas na transcrição. Seguidamente, o Dr. Fernando Cabral Martins realizou a revisão do documento.

Com esta actividade, aprendi alguns dos procedimentos a tomar para a publicação de uma edição fac-similada. Não assisti aos processos por que passa o manuscrito na constituição do livro, mas suponho que seja pela digitalização ou por

outro meio fotográfico sensível aos pormenores do documento. Para ser legível a qualquer leitor, realiza-se a sua composição, disponibilizando o texto lado a lado com o fac-simile. Considero este tipo de edição de notável proveito, por permitir ao leitor aproximar-se do autor, seja pelo desafio de decifrar a sua letra ou pela ideia de possuir um documento idêntico ao original.

3.2.1.4. Revisão cotejada de *Morte a Crédito*, de Louis-Ferdinand Céline

A quarta actividade desenvolvida na editora foi-me entregue pelo revisor António Lampreia e consistiu na revisão cotejada das primeiras provas de *Morte a Crédito*, de Céline. Estas já tinham passado por três revisões anteriores, mas devido à permanência de erros oriundos da edição observou-se a necessidade de uma nova revisão.

Morte a Crédito, de título original *Mort a credit*, da Éditions Gallimard, é um livro surpreendente, que conta a história de Ferdinand, um médico que descreve o seu dia-a-dia no consultório e que, com o desenrolar da narrativa, recua até à infância. Assistimos ao seu crescimento, marcado por um estilo autobiográfico, com expressões simultaneamente populares e científicas.

A biografia do autor Louis-Ferdinand Destouches, de pseudónimo Louis-Ferdinand Céline, apresenta semelhanças com a obra citada, transmitindo a ideia de que se trata de uma autobiografia alterada. Céline foi médico e escreveu alguns romances, sendo *Viagem ao Fim da Noite* o mais aclamado por estabelecer uma ruptura com a literatura da época. Em *Morte a Crédito*, bem como em outras obras, é comum a correspondência do tempo da acção com o da narração, começando o relato da história no passado, transportando a acção para o presente.

Morte a Crédito, editado pela Assírio & Alvim, foi traduzido por Luiza Neto Jorge, que graças ao seu notável trabalho recebeu o prémio PEN Clube de tradução. Por esta razão, o revisor António pediu-me para inserir as correcções de forma ponderada, uma vez que se trata de uma excelente tradução.

Esta foi a minha primeira revisão de tradução, orientada, sobretudo, para as lacunas existentes no processo de composição e para os erros ortográficos ou de concordância.

A realização desta tarefa trouxe-me alguns problemas pelos mais variados motivos. No início da revisão, demorei a familiarizar-me com o estilo do autor: quis colocar vírgulas onde não devia, ou não se justificava, acrescentando pouco à compreensão do texto. Julgo que esta tendência para corrigir o desnecessário resultou da minha reduzida experiência como revisora. Além disto, senti alguma dificuldade em adaptar-me aos diálogos do autor, onde proliferam as aspas e travessões simultâneos, agravando-se com as correcções inseridas por um dos revisores anteriores, como se observa no Anexo 14.

A riqueza do vocabulário utilizado na obra obrigou-me à interrupção contínua da sua revisão com vista à consulta de dicionários e enciclopédias como o *Dicionário Houaiss*, o *Grande Dicionário de Língua Portuguesa*, a *Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira*, entre outras ferramentas. Multiplicavam-se os vocábulos de medicina, química, botânica, náutica ou de costura, que desconhecia. Tendo o livro 532 páginas e as provas 660, a constante consulta de dicionários tornou o trabalho moroso e cansativo. Embora fosse possível ter ideia do significado de algumas palavras, a partir do sentido da frase, sabia que, como revisora, não podia confiar apenas na intuição, sendo obrigatória a contínua colocação de dúvidas. Outra dificuldade que senti relativamente à linguagem prende-se com a permanência de termos populares, que me obrigou a recorrer ao *Dicionário de Expressões Populares Portuguesas*.

Devo reconhecer que na edição encontrei muitos problemas, a começar pela quantidade de erros ortográficos, que raramente passaram para a composição, como por exemplo, «horoscópio» (p.191), «enteiriçado» (p.246), «tatebitate» (p.322), «capidó» e outros. Nos casos em que desconhecia uma palavra, tive de a procurar no dicionário para me certificar de que estava correcta na composição, embora nem sempre encontrasse uma resposta, como aconteceu com a palavra «fatanga». Além destes erros, a obra inclui, ainda, uma grande quantidade de palavras inventadas pelo autor, tais como «radioteluria» (p.443), «cádmio-potássio» (p.443), ou «rádio-telurismo».

Outra questão que surgiu e induziu-me em erro prendeu-se com a inserção de um personagem «ciciador» cujas falas eram demarcadas propositadamente com essa característica, como se observa no Anexo 15. Por não ter compreendido a intenção do autor, iniciei a correcção dessas passagens, tendo, mais tarde, apercebido-me do meu erro. (Anexo 16).

Com esta tarefa aprendi a respeitar o estilo do autor e a tornar-me mais flexível relativamente às diferentes formas de tratamento do texto. Experimentei a necessidade de adaptação que é exigida ao revisor, que num dia trata de um texto simples e no outro debruça-se sobre um mais complexo. Foi o que aconteceu com esta obra de carácter literário, com maior densidade e dificuldade em relação às anteriores. Pela constante procura de significados nos dicionários, apreendi informações sobre múltiplos assuntos e descobri novas ferramentas de pesquisa. Confirmei que o revisor tem de verificar as correcções feitas pelos outros, colocando dúvidas constantes.

Podia ter contribuído de forma mais positiva para a reedição desta obra, porque não a uniformizei no que diz respeito aos itálicos e ainda deixei alguns significados de palavras por descobrir, já que contava com uma segunda revisão, que não foi possível realizar por falta de tempo.

Este livro está para ser editado há cinco anos e estava paginado para a BI, sendo prevista a sua futura colocação na colecção Imaginário.

3.2.1.5. Correcção da bibliografia de Eduardo Batarda

A quinta tarefa proposta, mais uma vez pela Dra. Graça Manta, consistiu na correcção das provas revistas, pelo Dr. António Lampreia, da bibliografia de Eduardo Batarda inserida na obra *Outra Vez Não. Eduardo Batarda*. Fiquei encarregue de introduzir as correcções no documento *Word* das provas.

Eduardo Batarda é um pintor português representado em múltiplas colecções institucionais e particulares, foi professor na Faculdade de Belas Artes e tornou-se uma referência para os jovens artistas, deixando uma marca importante na cultura portuguesa. Em 1986 foi distinguido com o prémio telegráfico Homeostética e em 2007 com o Grande Prémio EDP.

O livro referido foi apresentado no Museu de Arte Contemporânea de Serralves e tem o intuito de dar a conhecer ao público as obras deste artista, desde a década de 1960 até aos quadros realizados em 2011. A mostra foi co-produzida entre a Fundação de Serralves e a Fundação da EDP, que assinala o Grande Prémio EDP Arte, recebido por este artista, como foi atrás mencionado.

A tarefa de inserir as correcções feitas pelo revisor não demonstrou grandes dificuldades, uma vez que compreendi todos os sinais de revisão colocados. O Anexo 17 mostra um excerto do documento revisto pelo Dr. António, que como se pode observar, explicita bem a demarcação dos erros. Contudo, surgiram casos em que não entendi determinadas correcções, como o que se verifica no Anexo 18, referente à página 12 da bibliografia, no qual se nota que todos os títulos foram corrigidos para caixa alta, excepto o último: *Hors catalogue: un projet Gulbenkian à propôs de sa collection*. A razão para esta forma de apresentação prende-se com a regra dos títulos franceses ser em caixa baixa, ao contrário do que acontece no português. Depois de ter esclarecido com o revisor este facto, comecei a ter em atenção esta norma para todos os trabalhos feitos a partir de então.

Ao longo da tarefa deparei-me com poucos erros ortográficos, e alguns de acentuação, como a palavra «português», escrita com a ortografia portuguesa numa sequência espanhola. Também surgiram casos, nos quais nomes de artigos inseridos em revistas e jornais tinham a indicação para serem colocados entre aspas, embora continuassem em itálico. Além destes, deparei-me com situações referentes a regras de espaçamentos que não se encontravam uniformes e foram regularizados.

Depois de inserir as correcções, a Dra. Graça cedeu-me dois títulos destinados a constar na bibliografia, que lhe foram enviados por correio electrónico. Uma vez colocados, passei à revisão cotejada entre a bibliografia revista e a corrigida, tendo em atenção a eliminação dos *links* encontrados, já que estes desaparecem após a paginação. As correcções feitas foram mínimas e depois de realizar a revisão final do documento entreguei-o à paginadora.

Este texto, que me foi entregue, consistiu apenas numa pequena parte da bibliografia inserida em *Outra Vez Não. Eduardo Batarda*, pois na obra a bibliografia completa apresenta o aspecto mais complexo e extenso.

Com esta tarefa aprendi que as regras utilizadas para a constituição de uma bibliografia diferem consoante o país. Embora já tivesse esta noção, ter trabalhado com um texto que me obrigou a praticar essas normas permitiu-me interiorizá-las. Assim, os títulos de livros ou filmes apresentam-se em caixa alta em português, inglês, alemão e espanhol, enquanto que em francês, em caixa baixa. Relativamente à transcrição de artigos presentes em jornais ou revistas, estes devem constar, sempre, entre aspas e nunca em itálico. Por ter revisto o texto duas vezes, consegui eliminar a maioria dos erros existentes e mesmo na inserção das correcções notei aspectos que passaram despercebidos ao revisor. Este facto fez-me reflectir acerca dos efeitos positivos da revisão contínua de um texto, principalmente nos casos em que o revisor é diferente, por não estar familiarizado com o mesmo, e não se deixar enganar pelos erros que os olhos corrigem automaticamente.

3.2.1.6. Composição de *Embriões* de Teixeira de Pascoaes

A sexta tarefa na editora foi-me atribuída pelo revisor António Lampreia e consistiu na composição das fotocópias da primeira edição de *Embriões*, de Teixeira de Pascoaes.

Pascoaes foi um poeta e ensaísta que teorizou o saudosismo como pensamento desenvolvido no movimento da «Renascença portuguesa» e dirigiu a revista *A Águia*, órgão oficial desse movimento.

O livro *Embriões* foi a sua primeira obra publicada, em 1895, no Porto. Mais tarde, Pascoaes recusou-a, permanecendo, até hoje, essa primeira edição. O conjunto *Embriões* contém alguns poemas líricos com construção estrófica extensa e variável, como se constata nos poemas «Canto Dum Retrato» e «Egipto» (Anexos 19 e 20). São frequentes as invocações à contemplação da natureza e ao poeta que enfrenta o «Porvir», com indícios de saudade. Este livro não se insere nos movimentos do Simbolismo ou do Decadentismo da época, mas apresenta algumas dessas características, graças ao confronto com o futuro duvidoso e ao pessimismo presente em «Melancolias», patente no Anexo 21. Nota-se, também, um certo gosto pelo isolamento em expressões como: «Olhava p'ro infinito, absorto, só, esquecido...»

(Anexo 22), a ligação à infância, o «historicismo» e «orientalismo». Para compreender de forma integral a temática em que *Embriões* se insere, coloquei no Anexo 23 um artigo publicado no jornal *O Primeiro de Janeiro*, de 23 de Novembro de 1977, escrito por J. C. Seabra Pereira.

A realização deste trabalho não me trouxe problemas, dado que ao longo da composição do texto tive apenas de garantir a transcrição exacta dos versos, respeitando a ortografia da época. Coloquei algumas dúvidas ao Dr. António e ao director Manuel Rosa acerca da modernização da acentuação, porque era frequente uma palavra com acento grave permanecer no texto com acento agudo. Tanto o meu orientador como o revisor aconselharam-me a corrigir a acentuação ao longo dos poemas.

Relativamente à actualização ortográfica, ficou estabelecido que será o especialista Dr. Seabra Pereira a decidir sobre a sua uniformização, uma vez que esta edição é da sua responsabilidade, bem como o prefácio e o posfácio. Assim, depois de ter composto e revisto estas provas, ficou decidido que as mesmas ser-lhe-iam enviadas.

Uma vez terminada a composição do último poema, «Egipto», inseri as emendas que o autor colocou numa errata. Posteriormente, iniciei a revisão cotejada do documento para rectificar os poucos erros encontrados. Ainda assim, revi a obra uma vez mais, já sem o auxílio das fotocópias, numa altura em que estava habituada à ortografia da época.

3.2.1.7. Actualização da filmografia de Manoel de Oliveira

A sétima e última tarefa, proposta pelo meu orientador Manuel Rosa, consistiu na actualização da filmografia de Manoel de Oliveira, com vista à sua inserção numa obra dedicada ao filme *Aniki-Bóbo*.

Esta modernização teve de seguir os parâmetros de uma filmografia antiga (de há dez anos) facultada pela editora, que, como demonstra o Anexo 24, tem um aspecto simples. Contudo, tive em consideração a informação presente na filmografia

da Cinemateca (Anexo 25), enviada pelo Dr. António Costa¹⁴, juntamente com uma carta. Só com acesso a esta segunda filmografia é que me foi possível obter informação sobre os filmes que saíram a partir de 2000.

Executei a tarefa com rapidez, embora tenham surgido algumas dúvidas. Por vezes, a informação relativa à metragem e aos minutos dos filmes não coincidia. Perguntei ao Dr. Manuel Rosa como deveria proceder, e este considerou que o melhor seria confiar na filmografia da Cinemateca, por ser uma óptima referência. Além destas, surgiram, ainda, outras dúvidas que enviei por *e-mail* ao Dr. António Costa, respeitantes a questões de concordância no conteúdo. Observe-se o caso da secção de produção (Anexo 26), na qual deveriam constar apenas os filmes produzidos por Manoel de Oliveira e são incluídos filmes produzidos por outras companhias filmográficas, como o caso de *A Caça*, gerado pela Tobis Portuguesa. Como estes, surgiram outros problemas, no que respeita a questões de fotografia, montagem e interpretação. Embora tenha enviado estas dúvidas por *e-mail*, acabei por ser esclarecida via telefone. No entanto, soube, pelo meu orientador, que o antigo assessor do realizador preferiu manter a filmografia mais pormenorizada, ou seja, tal como a da Cinemateca. Deste modo, a informação seria mais compreensível por não se encontrar repartida, mantendo-se organizada em relação a cada filme. Passei à segunda reformulação da filmografia que concluí com sucesso. Considerei esta reestruturação um pouco cansativa, na medida em que se enquadra em composição de texto detalhado. Depois desta etapa, efectuei uma revisão cotejada do documento e, assim que terminei, enviei-o ao Dr. António Costa.

Este trabalho permitiu-me aprender mais acerca dos filmes de Manoel de Oliveira. Dado o meu interesse pela sétima arte, considerei esta actividade uma oportunidade única para me introduzir no universo de um dos maiores realizadores portugueses, responsável, também, por documentários, como *O Pão* e projectos musicais tal como *Momento*, em conjunto com Pedro Abrunhosa.

Relativamente às normas editoriais, confirmei que os títulos, tanto de filmes, como de livros, devem aparecer sempre em itálico e relativamente às caixas altas e baixas, a regra mantém-se igual para os dois. Descobri algumas das fases por que passa

¹⁴ Antigo assessor de Manoel de Oliveira, que mantém contacto com a Assírio & Alvim.

a produção de um filme, nomeadamente a montagem, música, argumento, sequência, realização, entre outras, e adquiri uma maior noção da sua importância.

Outro aspecto que considerei vantajoso, para a minha formação, consistiu no meu papel como colaboradora do antigo assessor de Manoel de Oliveira, graças à troca de ideias por telefone e *e-mail*. Considero a colaboração com especialistas um factor favorável na produção de um livro, por garantir maior credibilidade nas informações fornecidas pelo mesmo.

No que toca ao meu contributo na realização desta tarefa, creio que colaborei de forma positiva no tratamento de toda a informação, pois insisti na uniformização da filmografia e garanti a credibilidade do seu conteúdo, nos casos em que a informação estava incompleta, como sucedeu nas últimas páginas da filmografia fornecida por António Costa (Anexo 27 e 28). Para resolver este problema, consultei os *sites* do Instituto Camões e do cinema IMDb, que me esclareceram todas as dúvidas. Compreendi que o trabalho de colaboração obriga, por vezes, à reformulação de parâmetros, mas tem sempre em vista a qualidade da obra e por isso torna-se necessário.

3.3. Outros conhecimentos adquiridos

A experiência obtida na editora Assírio & Alvim permitiu-me desenvolver conhecimentos acerca das diferentes fases de produção de um livro, com especial destaque para a fase da revisão de texto. Considero este factor importante, na medida em que me preparou para um ramo da edição mencionado com alguma frequência durante o mestrado.

Contudo, esta não foi a única realidade com que me deparei ao longo do estágio, pois tive a experiência de ser introduzida a outras actividades do mundo editorial, tais como a paginação, tipografia e constituição de capas. Embora estas componentes se insiram na categoria do *design*, este é um ramo que sempre me suscitou interesse, e como acredito que numa editora de pequena dimensão a polivalência dos funcionários constitui uma vantagem, encarei esta oportunidade

como uma demonstração do que ainda posso exercer, mediante especialização técnica.

No que toca à paginação, fui introduzida a algumas regras que melhoram o aspecto gráfico do texto, graças ao empenho do *designer*. Desta forma, a sua visão é diferente da do revisor, sendo que este é o responsável pela inserção das correcções demarcadas pelo segundo, constituindo, assim, a ideia de observação superficial do texto e o enquadramento da mancha, característica do miolo, que formula o aspecto gráfico «dentro do livro». O paginador interfere na obra tendo sempre em vista a sua beleza e consequente utilidade.

Relativamente à composição de uma capa, o director Manuel Rosa chamou-me a atenção para alguns pormenores que o revisor tem de ter em atenção na sua constituição. O título do livro, subtítulo, legendas ou qualquer texto patente na capa e contracapa não podem conter erros ortográficos, já que este é o primeiro elemento com que o leitor contacta, sendo crucial uma primeira boa impressão. Também é da responsabilidade do revisor a confirmação de cada ISBN presente no código de barras da contracapa.

Quando me encontrava a meio do estágio fui convidada pelo Dr. Manuel Rosa e pela Dra. Ilda David a visitar uma tipografia com vista a assistir à impressão de uma capa. Observei a impressão da capa da obra *Desde o Finito*, que me permitiu ter ideia do seu estado primário, quando ainda não se encontra dobrada e inserida no miolo. Dada a tonalidade azul forte, tornou-se crucial a sua plastificação com o intuito de disfarçar o brilho. Não sabia até então que as capas passam por uma espécie de plastificação quando apresentam uma tonalidade demasiado viva, sendo esta a única forma de a tornar baça. Além desta aprendizagem, fui guiada pelos funcionários da tipografia a fim de conhecer as máquinas presentes e as suas respectivas funções. Compreendi a finalidade de algumas delas, desde a que alceia os cadernos e permite a escolha das suas folhas para a posterior junção, à que cose e dobra a capa ou outro tipo de papel de espessura mais volumosa. Verifiquei e achei curioso os tipógrafos também usarem provas que são constantemente impressas para a uniformização da cor. Aprendi expressões como «papel couchet», responsável por impedir a absorção da cor pelo papel.

Por curiosidade, questioneei a Dra. Helena e o Dr. António sobre o significado das provas de verniz e das provas de cor, ao qual me foi esclarecido que os revisores e *designers* têm a obrigação de verificar as provas a preto e branco para avaliação do seu brilho, utilizando, para isso, as provas de verniz. No que toca às provas de cor, estas são utilizadas, como o próprio nome indica, com vista à avaliação das cores.

3.4. Reflexão final

Um estágio de quatro meses numa editora pequena, como a Assírio & Alvim, complementou a minha formação académica por meio da aprendizagem de carácter prático, que adquiri com o desenvolvimento das diversas actividades executadas.

A editora preparou-me, sobretudo, para futuros trabalhos assentes na revisão literária. Com a revisão de obras como *O Amor é Fodido* e *Se não Sabe Porque é Que Pergunta?* coloquei em prática a inserção dos símbolos de revisão, de forma automática, quando anteriormente não sabia metade desses sinais de cor. Para a sua rápida aprendizagem, foi favorável a ausência de pressão sentida, bem como a consulta regular de prontuários e o esclarecimento de dúvidas por parte do revisor António Lampreia. Sendo as obras trabalhadas destinadas à reedição, não detectei erros de concordância ou de conteúdo, tratando-se sobretudo de uma revisão ortográfica, que julgo ser mais simples, principalmente quando se é falante da língua. No entanto, aprendi que não devo confiar demasiado no meu conhecimento imediato, sendo crucial a consulta de dicionários e enciclopédias em caso de suspeita de incorrecções. Compreendi que quando surgem erros de conteúdo o revisor não deve interferir demasiado no texto por correr o risco de lhe alterar o sentido. Só nos casos de erros gramaticais é que se torna obrigatória a sua intervenção, sendo que noutras ocasiões, não tão graves, convém entrar em contacto directo com o autor, se tal for possível. A constante colocação de dúvidas por parte do revisor é uma característica que lhe deve ser inerente, pois depende de si a qualidade da obra.

Com as tarefas de composição e posterior revisão, assimilei algumas regras utilizadas nesta editora, bem como na língua portuguesa, no que diz respeito a textos literários. Assim, detive a máxima atenção na uniformização de cada obra, com vista a

torná-la coerente para o leitor. Por exemplo, se em algumas páginas as palavras estrangeiras aparecerem em itálico e noutras não, o público questionará essa ocorrência, duvidando, assim, da qualidade da obra. O mesmo acontece relativamente às informações de carácter histórico ou geográfico, pois é obrigatória a sua concordância com os factos reais.

Como revisora estagiária, apercebi-me dos limites do meu trabalho, onde não posso ignorar a voz do texto ou do autor, mesmo quando não concordo com a formulação de determinado trecho. Se aquele não constituir nenhum erro gramatical, a minha intervenção não se justifica.

A revisão é uma tarefa que convém ser feita mais do que uma vez e por pessoas diferentes e, segundo o que pude observar, esta é a realidade da Assírio & Alvim, dado o elevado número de reedições, que justificam a qualidade das obras publicadas.

No que toca a outras competências, que desenvolvi ao longo do estágio, indico aquela que se inseriu, ainda que de forma breve, no campo da Crítica Textual, com o tratamento do manuscrito de Luiz Pacheco. Este foi um trabalho cuja minha única preocupação baseou-se na decifração da letra do autor e no cuidado ao manusear o documento. Respeitar a ortografia da época não trouxe muitas dificuldades, na medida em que o trabalho de composição obriga à fidelidade daquilo que se copia. Assim, julgo que as restantes composições não me ensinaram muito, excepto esta, por constituir todo um trabalho de preparação de uma edição fac-similada.

Com a actualização da filmografia de Manoel de Oliveira melhorei a minha capacidade de respeitar os parâmetros ditados pela editora na reformulação de informação, com a realização de um trabalho que seguiu um modelo pré-estabelecido, que embora mais tarde tivesse sido alterado, serviu para aprender a tornar-me flexível no tratamento de dados. Com a reformulação da actualização da filmografia exerci, mais uma vez, um trabalho de composição que me obrigou a pesquisar sobre diversos assuntos inseridos na esfera do cinema, de forma a poder confiar na veracidade de determinadas informações. Com esta actividade descobri novas ferramentas de pesquisa no que toca ao cinema português e melhorei a minha cultura geral sobre este assunto.

De uma forma geral, estes foram os principais conhecimentos adquiridos com este estágio, com especial ênfase para a revisão textual literária. Sendo a minha formação académica abrangida pela Literatura Portuguesa, julgo que a escolha desta editora para a realização do estágio do mestrado não poderia ter sido mais acertada. Além de ter sido inserida num meio que me é familiar, ainda me foi dada a oportunidade de treinar o trabalho de revisão, tão importante no mestrado de Edição de Texto.

CONCLUSÃO

A componente não lectiva, em conjunto com a teoria oferecida pelo mestrado em Edição de Texto, destacam-se como elementos úteis na preparação para a minha inserção no mercado de trabalho, dentro do ramo da edição. Cada uma destas componentes, individualmente, não chegariam para a minha formação, fazendo sentido a sua conjugação para a completa preparação nesta área.

Com a teoria adquirida na pós-graduação apreendi normas da língua portuguesa e de revisão com as cadeiras e seminários de carácter mais teórico, bem como noções de *software* de edição como o *Adobe Indesign*, o *Adobe Photoshop* e o *Adobe Flash Player*, nas cadeiras práticas. Este aspecto despertou-me para a realidade existente no mundo editorial que não se resume apenas ao tratamento do chamado miolo do livro, tendo os elementos digitais cada vez mais destaque. O mesmo para a edição electrónica, também abrangida na formação académica, que nos prepara para as novas tendências editoriais, que mais cedo ou mais tarde se manifestarão no mercado.

Contudo, a teoria, por si só, não aprofundou os meus conhecimentos em nenhum assunto específico, sendo essencial a realização de um estágio não só para praticar o que foi ensinado de forma intensiva, como também para me preparar para o mundo do trabalho. Assim, graças à realização deste estágio, sinto-me habilitada para rever qualquer tipo de texto, embora deva admitir que, dado o meu fraco conhecimento de línguas estrangeiras, a revisão de traduções não seja tão fácil, podendo resultar numa fraca revisão. Não foi possível compreender como funcionam determinadas áreas na editora, como o *marketing* e a publicidade porque a Assírio & Alvim não inclui um departamento para esses fins. Contudo, perguntei a alguns funcionários como procediam neste assunto, ao qual me responderam que os meios de informação gratuita têm sido os mais utilizados, como as redes sociais, com destaque para o *facebook* e *twitter* e para um blogue que substitui o *site* da editora, onde é fornecida informação actualizada acerca de eventos e novas obras publicadas.

De uma forma geral, gostei de realizar o estágio curricular na Assírio & Alvim, embora quisesse ter aprofundado determinadas técnicas para as quais fui introduzida durante a pós-graduação, como o *software* de paginação, com destaque para o *Adobe Indesign* ou o *QuarkXpress*, sendo que o segundo é o mais usado na editora e, ao que parece, o mais intuitivo. No entanto, compreendo que tal não fosse possível, pois não era viável ensinar uma estagiária apenas com uma paginadora na função, uma vez que a urgência em publicar novos livros não o permitiu.

O ritmo numa editora não abrandava e um funcionário tem de ser polivalente, flexível e preparado para realizar tarefas simultâneas. Contudo, este não foi o único campo onde gostaria de ter aprofundado os meus conhecimentos, pois a própria experiência de contacto com autores, esclarecimento de dúvidas e exposição de pareceres teria sido fundamental para a conclusão da minha experiência como revisora.

Relativamente à componente teórica do mestrado, julgo que este se deva debruçar com mais rigor sobre a revisão de texto, passando pela respectiva inserção dos símbolos, não apenas em textos literários, mas também noutros tipos, como os jornalísticos, os publicitários, entre outros. O facto da duração das cadeiras e seminários se resumirem apenas a um semestre também dificulta a prática daquilo que é ensinado, visto que programas de paginação ou de tratamento de imagem teriam sido melhor explorados com a constante utilização de exercícios. Por fim, julgo que é importante a criação de um seminário e/ou cadeira vocacionados apenas para a publicidade e *marketing* do livro com vista à descoberta de técnicas de promoção do mesmo e colocação estratégica nas livrarias, embora a abordagem deste assunto tenha tido lugar, de forma geral, na cadeira Técnicas de Edição.

Deste modo, penso que a preparação fornecida pela faculdade é relevante e confere bases para o trabalho numa editora, embora a frequência de um estágio seja crucial para a sua complementação por permitir o esclarecimento de dúvidas com funcionários experientes e nos inserir em contexto real de trabalho, onde contactamos com os diversos problemas diários de uma editora.

Bibliografia

CARDOSO, Miguel Esteves – *O Amor é Fodido*. Lisboa: Assírio & Alvim, 14ª edição, 2009.

CEIA, Carlos *Normas para apresentação de trabalhos científicos*. Barcarena: Presença, 8.ª edição, 2010.

MARTINS, Jorge Manuel; GUEDES, Fernando – *Profissões do livro: editores e gráficos críticos e livreiros*. Lisboa: Verbo, 2005.

MONTEIRO, João Sousa *Se Não Sabe Porque é Que Pergunta?*. Lisboa: Assírio & Alvim, 5ª edição, 2000.

TURMA 09/10, *Quem mexeu no meu texto?*. Lisboa: Tedibera, 1ª edição, 2010.

VALE, Francisco – *Autores, editores e leitores*. Lisboa: Relógio d'Água, 2009.

Recursos electrónicos

«1.3 million e-readers sold in UK pre-Christmas». Retail Gazette [Em linha] 04.01.2012 [Consult 18.01.2012]. Disponível em: <http://www.retailgazette.co.uk/articles/04141-christmas-kindle-sales-reach-12-million>

«63 per cent of publishers to go digital in 2012, study finds». The London Book Fair [Em linha] 03.01.2012 [Consult. 18.01.2012] Disponível em: <http://www.londonbookfair.co.uk/en/Library/Highlights-from-around-the-globe/63-of-publishers-to-go-digital-in-2012-study-finds/>

«Gato Maltês 30 anos». Assírio & Alvim [Em linha]. 01.01.2011 [Consult. 18.01.2012]. Disponível em <http://assirioealvim.blogspot.pt/search?q=gato+malt%C3%AAs>

«Grupo Babel contra edição popularucha». DN Artes [Em linha]. 29.11.2009 [Consult. 18.01.2012]. Disponível em: http://www.dn.pt/inicio/artes/interior.aspx?content_id=1433739&seccao=Livros

«Ilda David». Infopédia [Em linha] 2003-2012 [Consult. 25.01.2012]. Disponível em [http://www.infopedia.pt/\\$ilda-david](http://www.infopedia.pt/$ilda-david)

«Jaime Salazar Sampaio». Wikipédia [Em linha] 02.2012 [Consult. 05.02.2012]. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Jaime_Salazar_Sampaio

«João dos Santos». Infopédia [Em linha] 2003-2012 [Consult. 05.02.2012]. Disponível em [http://www.infopedia.pt/\\$joao-dos-santos](http://www.infopedia.pt/$joao-dos-santos)

«Manuel Hermínio Monteiro». Infopédia [Em linha] 2003-2012 [Consult. 24.01.2012]. Disponível em [http://www.infopedia.pt/\\$manuel-herminio-monteiro](http://www.infopedia.pt/$manuel-herminio-monteiro)

«Miguel Esteves Cardoso». Infopédia [Em linha] 2003-2012 [Consult. 02.02.2012]. Disponível em [http://www.infopedia.pt/\\$miguel-esteves-cardoso](http://www.infopedia.pt/$miguel-esteves-cardoso)

«Porto Editora compra chancela e todo o catálogo da Assírio & Alvim». Público [Em linha] 17.03.2012 [Consult. 22.03.2012]. Disponível em <http://www.publico.pt/Cultura/porto-editora-adquire-chancela-da-assirio--alvim-para-dar-continuidade-a-obra--1538303?p=1>

«Porto Editora vai distribuir todo o catálogo da Assírio & Alvim». Público [Em linha] 19.08.2011 [Cosult. 25.01.2012]. Disponível em http://www.publico.pt/Cultura/porto-editora-vai-distribuir-todo-o-catalogo-da-assirio--alvim_1508288

«Porto Editora». Wikipédia [Em linha] 28.11.2010 [Consult. 09.01.2012] Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Porto_Editora

1.3 million e-readers sold in UK pre-Christmas

By Jon Whiteaker - 05:37PM - Wed 4th January 2012

More than 1.3 million e-readers were sold in the UK pre-Christmas, equating to one in every 40 adults receiving the device as a present this year, new research has shown.

Of those sold 92 per cent were Kindle products, produced by global e-tail giant Amazon, according to a recent survey conducted by research firm YouGov and published today, making it the most popular technology gift of Christmas 2011.

This will be seen as more bad news for book retailers and producers as the trend for reading from a screen rather than a page just got bigger, with YouGov's modelling suggesting that a further 640,000 tablet devices were gifted to adults in the UK.

Marek Yaygelt, Head of Technology and Telecoms Consulting at YouGov, said: "This is finally the year when the late-medieval technology of the printing press was challenged by a 21st-century, digital alternative.

"Amazon has done a remarkable job of selling the benefits of e-readers and the upside for the publishing industry is that it appears e-reader owners, at least in the early days, buy more e-books than the printed books they purchased before acquiring an e-reader."

Tablets and e-readers were more popular with women than men during the festive period, with 61 per cent of Kindles received by females and only 40 per cent of all Apple tablet devices being gifted to men.

UK's only remaining major bookselling chain Waterstone's was sold by under-pressure entertainment retailer HMV last year, after store closures and refurbishments were not enough to combat falling sales.

In: <http://www.retailgazette.co.uk/articles/04141-christmas-kindle-sales-reach-12-million>

63% of publishers to go digital in 2012, study finds

Katie Morhen, 03 Jan 2012 10:47

It seems an increasing number of publishers are turning to the opportunities offered by digital platforms as 63 per cent intend to publish an e-book next year, recent figures have shown.

In a survey of 411 publishers by the Data Conversion Laboratory, 70 per cent of publishers also agreed that quality was the most important consideration when publishing a digital book.

Publishers are also expanding their digital portfolios as 64 per cent are interested in digitally producing non-fiction titles and technical digital content.

Vice president and lead analyst at Outsell Inc Bill Trippe said: “While the initial push to digital was important, they [publishers] are now seeing a need to go with the best partners and to improve their quality and workflow.”

Describing digital products as the “lifeblood” for publishers, the expert suggested consumer expectations were also increasing.

While 44 per cent of publishers looked to the iPad as an e-reader, some 36 per cent preferred the Kindle, yet 43 per cent recognised the importance of compatibility with all e-readers.

In: <http://www.londonbookfair.co.uk/en/Library/Highlights-from-around-the-globe/63-of-publishers-to-go-digital-in-2012-study-finds/>

Grupo Babel contra edição popularucha

Após ter fechado o negócio de compra das editoras Verbo e Ulisseia, Paulo Teixeira Pinto não fecha a porta a futuras aquisições que o promovam do quinto grupo para melhor posição.

Babel é o nome da holding que vai gerir as editoras que Paulo Teixeira Pinto tem adquirido desde que se envolveu no negócio do livro. Essa designação será também a das cinco livrarias do que agora se torna o quinto grupo nacional nesta área. Para o editor, não vai haver grandes mudanças a nível editorial e a única característica que o norteará será "tornar-se o melhor e não o maior. Nunca uma edição comercial ou popularucha". Cada chancela terá um segmento e cada um o seu conteúdo próprio é outra das filosofias da nova Babel.

As alterações do mercado editorial não se resumem às novas apostas de Paulo Teixeira Pinto. Pelo contrário, a crise económica afectou de modo bastante violento um sector onde várias pequenas editoras se estavam a implantar desde que o boom da literatura light e do romance histórico fez expandir o mercado de venda de livros português nesta década.

2009 tem sido um ano de grandes cortes na quantidade de livros publicados e nos números das tiragens. As livrarias, apertadas pela crise devolvem os livros por vender mal chega o prazo para liquidar as facturas e todas as editoras estão a ser confrontadas com o retorno dos livros à consignação que, em época normal, ficariam como fundo de catálogo dos estabelecimentos. Pior, muitas pequenas editoras estão a publicar livros conscientes que não irão pagar os direitos devidos aos seus autores.

Entre as editoras que não resistiram à crise está a Quasi, dedicada em muito à poesia, que anunciou o seu fim no mês passado. Também a Sextante acabou por não resistir à falência da sua distribuidora e foi integrada na gigante Porto Editora. O próprio Grupo Leya, que se está a expandir para os países lusófonos, decidiu enxugar as suas múltiplas chancelas, começando por fechar a Oceanos e redistribuir os seus títulos e autores, principalmente, pela Dom Quixote. Quem ressurgiu de uma aquisição alegadamente fraudulenta foi a Cavalo de Ferro que já aproveitou as vendas de Natal para recuperar financeiramente.

In: http://www.dn.pt/inicio/artes/interior.aspx?content_id=1433739&seccao=Livros

Parceria inclui produção dos livros

Porto Editora vai distribuir todo o catálogo da Assírio & Alvim

19.08.2011 - 12:01 Por Hugo Torres

A distribuição da Assírio & Alvim vai passar a ser assegurada pelo Grupo Porto Editora, a partir de 1 de Setembro. A “parceria estratégica” entre as duas casas, anunciada hoje, passa também pela edição, mas a independência editorial da Assírio, nos termos revelados do acordo, não é afectada.

O que a Porto Editora vai fazer é aproveitar os seus recursos, tanto de pré-impressão como de impressão, para produzir os livros da Assírio. “Os processos de trabalho antes de os livros chegarem às livrarias vão ser alterados. Mas os leitores não vão notar”, explica ao PÚBLICO o porta-voz da Porto Editora, Paulo Gonçalves.

“Os objectivos deste acordo são o de dar maior sustentabilidade ao excelente trabalho editorial que distingue a Assírio & Alvim, bem como o de contribuir para que as respectivas obras cheguem a um maior número de leitores”, lê-se no comunicado assinado pelo mesmo responsável.

Para a data de entrada em vigor do acordo, 1 de Setembro, não está previsto qualquer lançamento ou campanha. “Ainda estamos a afinar processos”, diz Paulo Gonçalves. Certo é que a distribuição acordada “contempla todo o catálogo da Assírio & Alvim, incluindo o designado fundo editorial”.

A Assírio & Alvim – chancela fundada em 1972 que publica Fernando Pessoa, Ruy Belo, Mário Cesariny, Herberto Helder ou Al Berto – amplia assim a sua rede de distribuição, além de beneficiar de um corte nos custos de produção. Para a Porto Editora, o negócio está na distribuição (em que condições, não é público).

O Grupo Porto Editora, que detém várias chancelas, entre elas a Bertrand, o Círculo de Leitores, a Quetzal e a Sextante, entende ser “fundamental sublinhar que a continuidade editorial está expressamente assegurada, preservando-se assim as características fundamentais de uma editora de prestígio reconhecido”.

In: http://www.publico.pt/Cultura/porto-editora-vai-distribuir-todo-o-catalogo-daassirio--alvim_1508288

Porto Editora compra chancela e todo o catálogo da Assírio & Alvim

17.03.2012 - 12:50 Por Luís Miguel Queirós, Isabel Coutinho

Manuel Rosa passará a ser colaborador externo da Assírio & Alvim, cuja chancela foi agora adquirida pelo Grupo Porto Editora, que assegurará a produção editorial e a distribuição do catálogo. O primeiro livro é lançado no dia 24.

A chancela Assírio & Alvim foi formalmente adquirida pelo Grupo Porto Editora na segunda-feira. Em Agosto, o Grupo Porto Editora e a editora de Manuel Rosa estabeleceram um acordo na área da distribuição que acabou por evoluir, em Outubro, para um protocolo que passava a envolver uma parceria editorial.

Manuel Rosa, o anterior accionista maioritário da Assírio & Alvim, fundada em 1972, assumirá o papel de colaborador externo, propondo obras para edição. Rosa já lançou, entretanto, uma chancela própria, a Documenta, para edição de livros de arte.

Com este negócio chega ao fim a etapa que começou na primeira metade dos anos 80, quando Hermínio Monteiro assumiu a direcção da Assírio e transformou uma editora à beira da falência numa das mais prestigiadas chancelas nacionais, apostando na poesia, com autores já consagrados, como Mário Cesariny e Herberto Helder, mas também revelando muitos novos poetas.

Mais do que uma editora, a Assírio foi durante anos uma espécie de comunidade, uma casa de amigos, e só esse relacionamento muito particular com os autores (diz-se que alguém da editora ia todos os dias a casa de Cesariny levar-lhe o almoço) permitiu, por exemplo, que um Hermínio já doente - morreria de cancro em Junho de 2001 - tivesse podido concretizar, num prazo irrisório, o desmesurado projecto que resultou na "Rosa do Mundo", uma gigantesca recolha da melhor poesia mundial de todos os tempos, lançada por ocasião da Porto 2001.

Confrontada com os difíceis problemas que hoje se colocam às editoras independentes de média dimensão - a rotação frenética dos títulos nas livrarias, as fragilidades da distribuição, a decadência da rede livreira tradicional e os prazos de pagamento cada vez mais dilatados - a Assírio não conseguiu sobreviver à crise económica e veio agora juntar-se às muitas chancelas que, nos últimos anos, foram absorvidas pelo movimento de concentração que o sector está a viver.

Um negócio sentimental

Vasco Teixeira, administrador e director editorial do Grupo Porto Editora, não revela o volume do negócio: "Essa não é a parte importante. É evidente que teve de envolver dinheiro, mas se fosse pelos lucros potenciais, o negócio não se tinha concretizado de certeza." O que motivou o negócio, diz, foi a qualidade da chancela e das obras. Mas admite que houve também "um lado sentimental", já que conheceu bem Hermínio Monteiro, com quem colaborou na direcção da Associação Portuguesa de Editores e Livreiros (APEL). "Era um colega que eu prezava muito e com quem tinha uma relação próxima."

Na futura Assírio, Vasco David, que até agora assegurava a coordenação e o acompanhamento das obras, continuará a exercer as mesmas funções, mas integrado na Divisão Literária da Porto Editora, dirigida por Manuel Alberto Valente, que também assume a direcção editorial da nova chancela. Valente terá ainda a colaboração de Manuel Rosa na área gráfica e em algumas áreas editoriais. "A base de trabalho", explica, "será feita sob proposta de Manuel Rosa".

A produção e a distribuição de todo o catálogo da Assírio & Alvim (com mais de mil títulos publicados) são agora asseguradas pela Porto Editora. É o desenlace de um longo processo negocial. "Houve uma fase exploratória, no início de Setembro, em que se assumiu a distribuição, e outra para definir em detalhe a parceria", diz Vasco Teixeira, precisando que a aquisição engloba o catálogo e a chancela, mas não a totalidade da empresa.

In: <http://www.publico.pt/Cultura/porto-editora-adquire-chancela-da-assirio--alvim-para-dar-continuidade-a-obra--1538303?p=1>

Sábado, 1 de Janeiro de 2011

Gato Maltês - 30 anos

«De todas as nossas colecções, uma parece estar mais perto do coração. Chama-se GATO MALTÊS e, como o gato das histórias, tem muitas vidas e, no seu conjunto, pretende, em pequenas dimensões e sob excepcional aspecto gráfico, dar ao conhecimento do leitor português um leque diversificado do melhor da literatura universal.»

«Colecção Gato Maltês» (excerto de folheto promocional de Março de 1986, distribuído aquando do lançamento de O Gosto Solitário do Orvalho, de Matsuo Bashô)

«Há colecções preferidas nas editoras? No caso da Assírio & Alvim, há. E essa colecção tem a presença, o mistério, a familiaridade e irrequietude de um gato. Um gato maltês. Anais Nin, Borges, S. João da Cruz, Pound, Conrad, Whitman, D. H. Lawrence, Eliot, Malcolm Lowry, Céline, Bashô, Henry James, Novalis, Melville, Pascoaes, Yeats, Tarkovskii e Cocteau, todos eles deram "garras" à literatura universal, imprimindo-lhe um temperamento felino e inovador. Escolhendo um a um e juntando-os na sua pluralidade de escritas, inaugurámos uma singular e notável colecção de pequeno formato, na vida editorial portuguesa. Usamos o maior rigor na selecção e execução de cada título. A poesia publica-se em edição bilingue. As traduções são muito selectivas, como as de Aníbal Fernandes ou as de João Almeida Flor. Mas há aqui um particular que gostamos de realçar: o diálogo e o confronto de poetas portugueses com o texto original trazido ao português. Daí o "charme" da Gato Maltês. Com alguns dos seus pequenos livros em versões da autoria de diversos poetas de diferentes gerações: Herberto Helder, Cesariny, José Bento, Jorge de Sousa Braga, José Agostinho Baptista, Gil de Carvalho, Paulo da Costa Domingos, Fíama Hasse Pais Brandão. Por isso, acarinhámos esta edição de A Voz Humana. Pelo belo texto de Cocteau e igualmente pela singular versão do poeta Carlos de Oliveira. Ambos dão mais fôlego ao persistente gato que "ameaça" prosseguir activo pelos muitos lares dos melhores leitores para despeito e temor das muitas ratazanas que tentam desfeitear a Grande Literatura Universal.»

In: <http://assirioealvim.blogspot.com/search?q=gato+malt%C3%AAs>

Primeira página da composição de *O Amor é Fodido***1**

Quanto mais vou sabendo de ti, mais gostaria que ainda estivesses viva. Só dois ou três minutos: o suficiente para te matar. Marecias uma morte mais violenta. Se eu soubesse, não te tinha deixado suicidar com aquelas mariquices todas. Aposto que não sentiste quase nada. Não está certo. Eu não morri e sofri mais do que tu. Devias ter sofrido. Porque eras má. Eu pensava que não. Enganaste-me. Alguma vez pensaste no que isso representou na minha vida miserável? Agora apetece-me assassinar-te de verdade. É indecente que já estejas morta.

Quando tomaste os comprimidos sabias que estavas a safar-te. De boa. Confessa. Foi um bom negócio. As pessoas que levaram uma vida como a tua costumam morrer em circunstâncias que deixam muito a desejar. Afogadas em aquários. Estendidas de pernas abertas numa paragem e autocarro, esfaqueadas, sem cerimónias, e estranguladas por uma histérica numa casa de banho. Eu tinha-te dado um tiro. Um tiro limpo nessa cabecinha — o suficiente para te assustar, mas rápido. A doer um bocadinho.

Morreste há quatro anos. Já debes ter apodrecido. Não gosto de pensar assim em ti. Tenho pena. Eras tão vaidosa. Deves estar linda... Um dia embebedo-me e vou desenterrar-te, só para olhar para a tua cara, ver se é verdade que os cabelos crescem, cheirar-te de perto, tu que cheiravas sempre tão bem, mesmo quando se passavam dias sem tomares banho. Se calhar, até nisso me vais desiludir e saís-me uma daquelas criaturas incorruptas, de cadáver inalterado, com aquela frescura recém-falecida, de quem acaba desportivamente de tomar cento e vinte barbitúricos, incorrupta e coberta de chuva de cemitério.

Se fosse por tua vontade, estarias de robe, com o teu robe lilás, de camarim, de encantadora de serpentes, com que te arrastavas pela casa, sempre a adiar a hora do banho, bolsos cheios dum sortido de lenços de papel e números de telefone, com as tuas pantufas de texugo felpudo que só tu achavas que não cheiravam a queijo velho. Mas enterraram-te vestida de menina bonita, como se fosses para uma festa, com o teu sorriso sonso, que eu na altura achei tão sincero, com as mãos dobradas sobre o peito. Agora imagino-as a esconder uma pequena bomba, activada pela primeira pazada de terra que te caísse no caixão, para morrermos todos contigo, sem preparação ou merecimento.

«Adoro matar animais de todas as espécies.» Era o género de frase que me apaixonava.

Uma vez estávamos a jantar e disseste «Se pudesse, matava um panda.» «Como?»

«Matava-o

Contracapa do livro *O Amor é Fodido*

Nascemos todos com vontade de amar. Ser amado é secundário. Prejudica o amor que muitas vezes o antecede. Um amor não pode pertencer a duas pessoas, por muito que o queiramos. Cada um tem o amor que tem, fora dele. É esse afastamento que nos magoa, que nos põe doidos, sempre à procura do eco que não vem. Os que vêm são bem-vindos, às vezes, mas não são os que queremos. Quando somos honestos, ou estamos apaixonados, é apenas um que se pretende.

Tenho a certeza que não se pode ter o que se ama. Ser amado não corresponde jamais ao amor que temos, porque não nos pertence. Por isso escrevemos romances — porque ninguém acredita neles, excepto quem os escreve.

Viver é outra coisa. Amar e ser amado distrai-nos irremediavelmente. O amor apouca-se e perde-se quando se dá aos dias e às pessoas. Traduz-se e deixa de ser o que é. Só na solidão permanece. [...]

Tenho o meu amor, como toda a gente, mas não o usei. Tenho também a minha história, mas não a contei. O romance que escrevi, escrevi-o para quem não quer saber dos amores ou das histórias de ninguém. Não contei nem inventei nada. Não usei nem pessoas nem personagens. Fugí. Quis mostrar que pertencia ao mundo onde o amor, como as histórias e os romances, existem só por si. Como se me dirigisse a alguém. Outra vez. É sempre arrogante e pretensioso escrever sobre uma coisa que se escreveu. Apenas posso falar do que foi a minha vontade: escrever sobre o amor, sem traí-lo, defini-lo ou magoá-lo; deixando-o como era, antes da primeira palavra que escrevi. Seria inadmissível pôr-me aqui a cismar se conseguí ou não fazer o que eu queria. Como seria dizer que não sei. Sei. Sei que não conseguí. Só espero não tê-lo conseguido bem.

Miguel Esteves Cardoso



In: <http://www.livrarialeitura.pt/livro/amor-e-fodido-o-miguel-esteves-cardoso/>

Inserção das correcções no texto composto

minimamente fofinho. Os animais que não são fofinhos são portadores de doenças horríveis.»

Nunca houve nada como o amor para nos ajudar a ver o mal. O amor é o antídoto da cenoura. Eu sempre te vi como uma rapariga encantadora. Tudo o que fazias tinha de ser forçosamente encantador. Por muito bruta que fosses, parecia-me sempre uma forma radical de encanto. Mesmo quando teimavas numa manifesta estupidez, eu cansava a cabeça até arranjar maneira de te dar razão. Achava que toda a gente te atacava injustamente. Parecias-me incompatível com a injustiça.

Gozavam comigo, mas eu gostava de ser assim. Tinha a mania da lealdade. A bem ver, depois de tudo o que descobri a teu respeito desde que morreste, era apenas mais uma maneira de tentar agradar-te. Que tu detestavas. «Não preciso que me defendam!», gritavas sempre, como se eu te defendesse só por precisares. Como eras má. Má. Ingrata, caprichosa, cruel e má. Trataste-me como não se trata — pode dizer-se — um cão. Contigo a comparação ganha nova força.

Só te pedi, ao longo dos anos que passámos juntos, uma única coisa: que me disseses sempre a verdade. Podias ir e vir quando e como te apetecia, correr atrás de quem quisesse, roubar-me dinheiro, afastar-me dos meus amigos, fazer cenas no meu trabalho, chamar-me todos os nomes. Não gostava, mas aceitava tudo, desde que não me mentisses. Porque é que uma pessoa que pode fazer todas as maldades que lhe vêm à cabeça, com impunidade e protecção constantes, precisa, para além disso, de mentir? Não percebo. Nunca hei-de perceber.

Que coisa verifico eu que mais fizeste enquanto estivemos juntos — muito mais que estragar-me a vida? Mentir-me. Mentir-me sem razão. Mentir-me sem medo de ser apanhada. Mentir-me acerca das tuas próprias mentiras. E porquê? Porque gostavas de mentir? Não. Mentias só porque eu te tinha pedido para não me mentires. Custava-me, mas lá conseguias. Esforçavas-te para contrariar a tua fraqueza, tal era a vontade de me enganar e desiludir.

«Posso ser má, mas sou sincera...». Estavas sempre a dizer isto. E eu acreditava, claro. Era o que dizia toda a gente. Eu respondia que tu não eras má, mas só mazinha; que achavas graça à ideia de seres malvada, mas pouco mais. Achava-te encantadora, em boa verdade.

Mentiste-me quando disseste que não tinhas filhos. Mentiste-me quando disseste que os teus pais tinham morrido num desastre de automóvel. Mentiste-me até quando disseste que a tua cor favorita era o azul. Não te bastava estragares-me a vida pelas vias normais, separando-me de tudo o que eu gostava — do meu filho, dos meus amigos de infância, dos meus discos de jazz, do meu amor-próprio, do barco, da ginástica — e aliciando-me a fazer todas as coisas que não me atraíam nada — como fumar charros, ver televisão, comprar mobília, comer chocolate e apanhar bebedeiras enormes antes de almoçar. Tinhas também de me dar cabo da cabeça, trocando-lhe as poucas voltas que lhe restavam, nesse dia distante em que te conheci.

Tinhas de me mentir, para eu nunca saber nada, julgando que sabia; fazendo de mim um parvo para além de toda a estupidez possível, como não consente a sociedade humana.

Se te matasse, matava-te sinceramente. Não sei de que maneira faria, para que não tirasses daí qualquer satisfação. Se calhar, teria de ser pelas costas, para não saberes que era eu. Se soubesses, eras capaz de te rir que nem uma perdida, até ao último suspiro.

tinhas sido o primeiro que me contou a verdadeira história da primeira edição.
Mentiste-me quando disseste que

Texto paginado

para olhar para a tua cara, ver se é verdade que os cabelos cre-cem, cheirar-te de perto, tu que cheiravas sempre tão bem, mesmo quando se passavam dias sem tomares banho. Se calhar, até nisso me vais desiludir e saís-me uma daquelas criaturas incorruptas, de cadáver inalterado, com aquela frescura recém-falecida, de quem acaba desportivamente de tomar cento e vinte barbitúricos, incorrupta e coberta de chuva de cemitério.

Se fosse por tua vontade, estarias de robe, com o teu robe lí-lás, de camarim, de encantadora de serpentes, com que te arrastavas pela casa, sempre a adiar a hora do banho, bolsos cheios dum sorriso de lenços de papel e números de telefone, com as tuas pantufas de texugo felpudo que só tu achavas que não cheiravam a queijo velho. Mas enterraram-te vestida de menina bonita, como se fosses para uma festa, com o teu sorriso sonso, que eu na altura achei tão sincero, com as mãos dobradas sobre o peito. Agora imagino-as a esconder uma pequena bomba, activada pela primeira pazada de terra que te caísse no caixão, para morremos todos contigo, sem preparação ou merecimento.

«Adoro matar animais de todas as espécies.» Era o género de frase que me apaixonava. Uma vez estávamos a jantar e dis-seste «Se pudesse, matava um panda.» «Como?» «Matava-o com uma pedrada.» «O que é que tu tens contra os pandas?» «Odeio animais amorosos.» Pensei que estivesse a defender os animais que não têm a sorte de ser gíros ou de estar à beira da extinção, que vivem em condições atrozes, sem serem tema de documentários ingleses ou logotipos de organizações mundiais. Como frangos. Pensei que a tua atitude contra tigres era uma cruzada a favor das ratazanas. Mas enganaste-me.

Um dia atravessou-se um rato à nossa frente e tu gritaste: «Mata-o! Mata-o!» Eu peguei num pau de vassoura e respondi: «Aproveita, Teresal Mata-o tu!» Tu olhaste-me com desprezo: «Tenho nojo.» Enquanto eu matava o pobre animal, com a minha habitual compaixão e inépcia, que tanto prolongam o sofrimento, enterneci-me com o teu temor e disse: «Tu não eras capaz de matar nada.»

Passada uma hora, atropelaste um gato de propósito e dis-seste, triunfante: «Estrás a ver?» E acrescentaste, ante a minha cara branca: «Para se matar um bicho ele tem de ser minimamente fofinho. Os animais que não são fofinhos são portadores de doenças horríveis.»

Nunca houve nada como o amor para nos ajudar a ver o mal. O amor é o antidoto da cenoura. Eu sempre te vi como uma rapariga encantadora. Tudo o que fazias tinha de ser forçosamente encantador. Por muito bruta que fosses, parecia-me sempre uma forma radical de encanto. Mesmo quando teimavas numa manifesta estupidez, eu cansava a cabeça até arranjar maneira de te dar razão. Achava que toda a gente te atacava injustamente. Parecias-me incompatível com a injustiça.

Gozavam comigo, mas eu gostava de ser assim. Tinha a mania da lealdade. A bem ver, depois de tudo o que descobri a teu respeito desde que morreste, era apenas mais uma maneira de tentar agradar-te. Que tu detestavas. «Não preciso que me defendam!», gritavas sempre, como se eu te defendesse só por tu precisares. Como eras má. Má. Ingrata, caprichosa, cruel e má. Trataste-me como não se trata — pode dizer-se — um cão. Contigo a comparação ganha nova força.

Diálogos no livro *Se não Sabe Porque é Que Pergunta*

Capítulo I

OLHA, EU FAÇO-TE AQUI DE SAIAS PORQUE TU DANTES TINHAS SAIAS E ERA MARICAS

Na festa da sua despedida do Júlio de Matos estev¹a conversar e a brincar, assim de improviso, com um miúdo que nunca tinha visto. Gostava que contasse o que se passou entre si e esse miúdo.

Pus-me a brincar com ele, dispondo-me em primeiro lugar a aceitar o jogo que ele me propusesse. Coloquei-me num plano em que o miúdo me visse, no chão, ao seu nível. Ele viu-me mas não me olhou com um interesse muito particular, achou que eu era um adulto como os outros. Então eu estendi-lhe a mão como se dá a mão a uma criança, como se dá a mão a alguém, no sentido simbólico ou no sentido real, estendi-lhe a mão, ele deu-me uma palmada na mão e eu comecei a fazer o jogo das palmadas, a bater as palmas, e a fazer uma brincadeira que é muito frequente entre os adultos e os miúdos, que é bater palmas conjuntamente, naquele jogo em que há um certo diálogo de corpo a corpo. E foi assim que começou... e acabou com ele a quer² fazer o meu retrato...

A sim? O seu retrato?...

... e fez o meu retrato, disse-me que eu era um velho, que eu era um velho que não prestava, e depois disse-me «agora vou fazer o teu retrato, o teu retrato em bebé, com a tua mãe a mudar-te as fraldas».

Disse ele?

Disse, e depois acrescentou: «Olha, eu faço-te aqui de saias porque tu dantes tinhas saias e eras maricas... Vou-te pôr umas saias, vou-te pôr um pescoço muito grande... um pescoço assim como uma girafa, mas vou-te pôr saias, porque tu dantes eras maricas.» Era um problema dele, de não saber ainda bem a que sexo é que pertencia, de não saber ainda bem o que era ser homem e ser mulher. Ele reduziu-me à condição de bebé a quem a mãe ia mudar as fraldas e pôs-me umas saias para dizer que eu é que era maricas. Aliás, depois pôs também o retrato da minha mãe ao lado e dizia que ela era zarolha: «a tua mãe³ era zarolha»...

Porquê?

Depois eu perguntei-lhe: «mas como é isso de ser zarolha?». «Ela não via bem» — respondeu o miúdo.

Mas porque é que seria isso?

É que ele não queria que a mãe, que estava mesmo ali ao pé de nós, percebesse tudo o que ele me estava a explicar naquela linguagem secreta que só eu entendia. Note-se que eu

Pontuação após o fecho das aspas quando a citação se inicia com caixa baixa

P_J dos Santos_Se Na?o Sabe... 7.ª ed:bandas por análise 12/30/11 9:43 AM Page 41

lhado, é um sonho em que a pessoa não consegue dar uma solução satisfatória àquele problema. Quando o Nuno diz que ganha sempre, é a aspiração dele! O sonho é feito para isso, é feito para ganhar sempre, é feito para dar sempre uma solução favorável à história. É por isso que eu dizia que na minha idade já não se tem pesadelos, ou pelo menos eu não tenho, e os sonhos são sempre muito divertidos. É que eu arranji com certeza uma maneira especial de fazer isso, que não sei como é, não sei explicar, e os meus sonhos são sempre muito engraçados, muito divertidos. E às vezes até sonho com coisas concretas, do meu trabalho, com problemas que não tinha conseguido ainda resolver, e estou a explicar às pessoas como é que é, como é que eu acho que se devia fazer, o que é muito engraçado, e então é um sonho delicioso! Às vezes são mesmo coisas de uma inteligência rara, que eu não tenho! São descobertas sensacionais!

Uma coisa que não está nesta gravação, é quando o Nuno me diz, já no fim da conversa: eu esta noite vou outra vez sonhar com piratas e depois conto-lhe como é que acabou.

E depois, no dia seguinte, disse-me assim, aborrecido: eu afinal de contas esta noite não consegui sonhar com piratas!

→ Pois claro! Seria contraditório! O Nuno diz ao pirata-mor, ao maior dos piratas, àquele com quem está em competição: «eu vou sonhar contigo numa luta de vida ou de morte». E depois não é capaz de sonhar porque o adversário já está avisado. Isto é o inconsciente dele a falar com ele, claro, nada disto se passa no consciente.

Pontuação antes do fecho das aspas quando a citação se inicia com caixa alta

P_J dos Santos_Se Na?o Sabe... 7.ª ed:bandas psicanálise 12/30/11 9:43 AM Page 39

«Ó avô, tu também fazes fitas?»... E a pergunta era tão insólita, e tinha um conteúdo tão afirmativo e ao mesmo tempo tão interrogativo, que eu disse: «Sim, também, pois também...» E perguntei-lhe: «Mas como é isso de fazer fitas?...»; «Então... a gente quando vai para a cama para dormir, faz uma fita, não é?»; «Ah! Pois, pois, pois também faço fitas, também...».

E eu confirmei que fazia fitas, sim. Depois fiquei assim um pouco calado, e a seguir perguntei-lhe: «O pior é quando as fitas vão assim para qualquer coisa que faz medo...» E diz-me ele, com um ar muito malandro, e fazendo um gesto com as mãos a dar a imagem duma bobina que anda para trás: «Ah! Mas é que eu agora já sei! Quando isso acontece, quando as fitas vão assim para uma coisa má, eu ando com aquilo para trás!»

É realmente espantoso! Porque de facto, na minha opinião, o pesadelo é um sonho falhado. É um sonho que não se consegue levar até ao fim porque se está encostado à parede, como no caso do Nuno quando conta a história dos piratas. Claro que ele estabelece uma certa confusão entre os piratas bons e os piratas maus, ele próprio está do lado dos bons e do lado dos maus, quer dizer, tem necessidade de competir com os adultos para ser o melhor de todos, mas ao mesmo tempo fica inquieto porque vencer os adultos todos também não é bom porque depois fica um bocadinho desprotegido, de maneira que ele anda a aprender a sonhar nas lutas imaginárias dos sonhos com os bandidos. Aliás é curioso o que ele diz logo no princípio: «Eu odeio dormir. Faço figura de idiota.» Faço figura de idiota, quer dizer, ainda não é capaz de gozar com os seus sonhos, ainda não é capaz de fazer do pesadelo um sonho. Quando ele está encostado à parede perante um adversário que lhe pode espetar uma faca, ele não sabe como é que há-de resolver o problema, mas é evidente que só através do sonho é que é possível resolvê-lo, só sonhando é que se consegue, e é realmente uma experiência extraordinariamente enriquecedora ser capaz de sonhar e de resolver os problemas através do sonho.

Este diálogo é muito interessante sob vários aspectos, sobretudo do ponto de vista educativo. Na relação com a criança, é fundamental que os sonhos sejam levados a sério. Devem ser ouvidos e estimulados, e é por isso que as histórias que se contam às crianças, os livros, as brincadeiras, ou mesmo uma con-

Diálogos da obra *Morte a Crédito*

minha menina!... Peço-lhe por tudo, Senhor Doutor!... A minha Alicinha!... Conhece-a?... Não é assim tão perto como isso, a Rua Rancienne... Vai-me fazer desviar... Sim, conheço. Fica a seguir às Fábricas de Cabos... Vou-a ouvir, meio ofuscado... «Só temos 82 francos por semana... com duas crianças!... E depois o meu marido é terrível para mim!... É uma vergonha, meu caro Doutor!...»

É tudo lamechice, bem sei. Fede a bagaço podre, o hálito das pituítas...

Chegamos à baiuca...

Subo. Até que enfim que me sento... A miúda tem óculos. Pesego-me ao lado da cama. Mesmo assim ainda brinca vagamente com a boneca. Vou também diverti-la, eu. Sou cómico quando me dá para isso... Não está perdida, a fedelha... Não respira lá muito à vontade... É congestivo, está visto... Começo na reinação com ela. Fica sufocada. Sossego a mãe. A cabra aproveita-se de me ter ali em casa, à mão de semear, para também me consultar. É por causa das marcas da porrada que lhe enchem as pernas. Atreaga as saias, um enorme marmoreado e até queimaduras profundas. É do atizador. Tal é a laia do seu desempregado marido. Dou um conselho... Organizo, com um cordel, um pequeno vaivém muito giro para a mona da boneca... Um sobe-e-desce até à maçaneta da porta... é melhor que estar para ali com conversas.

Ausulto, há pieira à farta. Mas enfim, não é nada de fatal... Volto a serená-la. Repito duas vezes as mesmas palavras. É isto que puxa por nós. A garota agora está divertida. Mas lá sufoca outra vez. Sou forçado a parar. Fica cianosada... Talvez haja por aqui uma difteria? O melhor é ver... Tirar análises?... Ananhai...

O papá está de volta. Os seus 82 francos só lhe dão para cidra, vinho não chega. «Bebo-lhe à farta. Faz mijar!» anuncia-me ele desde logo. Bebe pelo gargalo. Faz a demonstração... congratulamo-nos por a pequerrucha não estar assim tão mal. A mim, o que me apaxiona é a boneca... Estou demasiado cansado para me ocupar

14

de adultos e de diagnósticos. São uma estopada, os adultos! Não vejo mais nenhum até amanhã.

Estou-me nas tintas para que me considerem sério ou não. Ainda lhes bebo à saúde. A minha intervenção é gratuita, absolutamente suplementar. A mãe apela outra vez para as suas coxas. Dou um derradeiro parecer. E depois, desço as escadas. No passeio está um cãozito, que coxeia. Segue-me por sua alta recepção. Tudo esta tarde se me agarra. É um pequeno fox, o cão, preto e branco. Está perdido parece-me a mim. Aqueles ingratos daqueles desempregados lá de cima. Nem sequer me acompanham à porta. Tenho a certeza que começaram logo à pancada. Ouço-os a berrar. Ele que lhe meta o tição todo pelo cu a dentro! Para a endireitar àquela porca! Para ela aprender a não me vir incomodar!

Agora viro à esquerda... Para Colombes, em suma. O cãozito continua atrás de mim... A seguir a Asnières é a Jonction e depois o meu primo. Mas o cãozito coxeia muito. Olha para mim. Chateia-me vê-lo arrastar-se. O melhor é voltar para casa ao fim e ao cabo. Viemos pelo Pont Bineux e depois à beira das fábricas. Ainda não tinha fechado, o dispensário, quando eu voltei... «Vamos lá dar de comer a este rafeiro!» disse eu para a Senhora Hortense. Alguém que vá buscar carne... Amanhã de manhã cedo logo se telefona...

Hão-de vir buscá-lo de carro, lá da Protectora. Esta noite o melhor é ficar fechado.» Lá fui então, sossegado. Mas era um cão muito assustadinho. Tinha recebido duros golpes. A rua é malvada. Ao abrir a janela, no dia seguinte, nem sequer esperou, saltou logo lá para fora, também nós lhe metíamos medo. Julgou que o tínhamos castigado. Não percebia nada de nada. Confiança já a perdera de todo. Quando é assim é terrível.

Ele conhece-me bem o Gustin. É excelente conselheiro quando está em jejum. É um perito de estilo impecável. Podemos-nos

15

Inserção da personagem «ciciador»

recomeçar tudo... Discutiam a coisa na cozinha ao lado... Ficaram lá uns dez minutos, talvez... Voltaram...

— Pois é — disse ele o ciciador... — Você!... A espoça! A mulher do Courtial! Não! Des Percires!... Não?... Bolas!... Fica em liberdade proviçória! Mas vai ter de ir a Beuvais!... O meu escrivão logo lhe indica!... Vou mandar buscar o corpo amanhã!... — Dirigindo-se aos jornalistas: Proviçoriamente é um suicídio! Depois da autópsia se verá!... Você seu pân-dego!... — Era eu... — Pode-se ir embora! Tem de ir chá-di-reitinho para caça!... Para caça dos seus pais!... Vai dar a sua morada ao Escrivão!... Se eu precisar de si, mando-o comparecer! E pronto! Vai! Vai! Cabo! Vai deixar aqui um guarda não vai?... Só um! Até amanhã de manhã! até que chegue a ambulância! Despache-se lá, escrivão!... Vamos! Os jornalistas já acabaram? Os repórteres que saiam todos... Não quero aqui ninguém! além da família e do plantão. Por esta noite, guardas! é tudo! Não deixam aqui entrar ninguém, hem?... nem tocar!... nem sair! Está entendido?... Toda a gente percebeu?... Bom!... Vamos lá! Toca a despachar!... Vamos andando para o carro, Doutor!...

Continuava a bater com os pés! Todo ele se saracoteava diante do landó!... Não podia mais! Estava a morrer apesar da opa e da enorme pele de cabra que lhe subia até às sobrance-lhas... até ao chapéu de coco!... E já com o pé no degrau:

— Cocheiro! Cocheiro! Está a ouvir? ou não está? está? Vá depressa!... E pare em Cerdance! naquele cafezinho! que fica à esquerda!... a seguir a passagem de nível! Sabe onde é não sabe?... Ah! Doutor! Tive uns arrepios como nunca na vida tinha tido!... Vou ter aqui para um mês, de certeza!... Outra vez!... Olhe, como todo o inverno passado!... Ah!... Dava tudo para beber um grogue! sabe?... Iam rebentando comigo nesta espelunca!... Já viu a geleira que é?... Impossi-vel! Está-se melhor cá fora!... Mas que incrível!... Ah! o cadáver ali fica bem conservado!...

Ainda tirou a cabeça de fora, debaixo da grande capota, quando iam começar a andar... Para apreciar a quinta no seu conjunto... Os guardas em continência!... Chicote, cocheiro!... Partiram num turbilhão, direitos a Persant... A bôfia, o escri-vão e os civis não quiseram saber de mais! Esqueiraram-se atrás deles ainda não eram passados cinco minutos... Os jor-nalistas esses voltaram... Tiraram mais fotografias... Sabiam-na toda aqueles finórios! Ah! tinham os olhos abertos... Co-nheciam toda a jiga-joga.

— Ora! Ora! — disseram eles para nós... — Não estejam ralados... É evidente que vocês não têm nada a ver com aqui-lo!... São tudo chineses tele! Banais formalidades! Para inglês ver! Um pró-forma! Não se devem apouentar! Vão li-bertar-vos já! É só para dar nas vistas! — Mas a velha mesmo assim estava desolada...

— Nós já o conhecemos!... Não é a primeira vez que o vemos trabalhar!... Se ele suspeitasse a sério tinha aqui ficado muito mais tempo! E mais! tinha-vos embarcado a todos que era um regalo!... Ah, aí é que ele não hesitava! Sabemos bem como ele é! Era só ele ter sombra duma dúvida! Zás! Esta-vam-lhe no papo! Ah! É terrível, ele, quando tem dúvidas! Ah! não fica perdido nas nuvens... Aquilo é a quadilha do olho vivo! Uj não se deixa ir em cantigas!

— Então os senhores estão certos de que ele não vai vol-tar?... que não foi só por causa do frio?... Talvez tenha sido por isso que ele se foi embora?... tem ele frio! Ah! Podem

— Ah, mas nos mirantes não tem ele frio! Pois claro! Se ficar sossegados que foi só uma brincadeira! Ele veio aqui para nada!... E fosse eu não me ralava mais! Ele veio aqui para nada!... E nesse caso!... hem?... Para quê chatear mais? — Eram todos da mesma opinião.

Subiram para a carripana... Já iam a falar de gajas... Tinha de se pôr em marcha devagarinho... os eixos davam cá cada estalo... Era gente demais para o carro... Amontoados uns de encontro aos outros... Dois dos jornalistas tinham vindo de propósito de Paris... Também eles lamentavam a viagem... A velha tanto os massacrava com perguntas que eles acabaram por bramar em coro e em cadência:

«Não é um crime!... Tachim! tchim! tchim! tchim!»

Não é um crime!... Tachim! tchim! tchim! tchim! Batendo com os calcanhares a pontos de quase rebentarem com o soalho... No fim de contas sempre gozavam o seu bocado, cantavam umas coisas porcas... Foram-se embora a entoar o *Dupantoup!*

O guarda que ficou de sentinela encontrou ali no lugarejo um outro casinhoto completamente vazio onde podia meter o cavalo. Preferia aquele sítio... à nossa cavalariça que estava mesmo em ruínas... caía água lá dentro!... E correntes de ar, isso então, pareciam órgãos a assoprar!... O animal ali sofre-ria. Cambaleava, baloiçava de frio sobre as gâmbias... Levou-o

Correcção das passagens do personagem «ciciador»

— Ah! Chá estou a ver que não sabe grande coisa! Paciência! Paciência! Logo se vê isso depois!... Fica para Beauvais!... Vá! Vá! vamos lá embora!... Chá viu o corpo Doutor? Hem? Então o que é que me diz?... Hem?... — Foram-se os dois, recomeçar tudo... Discutiam a coisa na cozinha ao lado... Ficaram lá uns dez minutos, talvez... Voltaram...

— Pois é — disse ele o ciciador... — Você! a esposa! A mulher do Courtial! Não! Des Pereira!... Não?... Bolas!... Fica em liberdade provisória! Mas vai ter de ir a Beauvais!... O meu escrivão logo lhe indica!... Vou mandar buscar o corpo amanhã... — Dirigindo-se aos jornalistas! Provisoriamente é um suicídio! Depois da autópsia se verá... Você seu pândego!... — Era eu... — Pode-se ir embora! Tem de ir chá direitinho para cá!... Para cá dos seus pais!... Vai dar a sua morada ao Escrivão!... Se eu precisar de si, mando-o comparecer! E pronto! Vá! Vá! Cabo! Vai deixar aqui um guarda não vai?... Só um! Até amanhã de manhã! até que chegue a ambulância! Des-pache-se lá, escrivão!... Vamos! Os jornalistas já acabaram? Os reporteres que saiam todos...! Não quero aqui ninguém! além da família e do plantão. Por esta noite, guardas! é tudo! Não deixam aqui entrar ninguém, hem?... nem tocar!... nem sair! Está entendido?... Toda a gente percebeu?... Bom!... Vamos lá! Toca a des-pachar!... Vamos andando para o carro, Doutor!...

Continuava a bater com os pés! Todo ele se sacacoteava diante do landó!... Não podia mais! Estava a morrer apesar da opa e da enorme pele de cabra que lhe subia até às sobranceiras... até ao chapéu de coco!... E já com o pé no degrau:

— Cocheiro! Cocheiro! Está a ouvir? ou não está? está? Vá depressa!... E pare em Cerdancel! naquele cafezinho! que fica à esquerda!... a seguir à passagem de nível! Sabe onde é não sabe?... Ah! Doutor! Tive uns arrepios como nunca na vida tinha tido!... You ter aqui para um mês, de certeza!... Outra vez!... Olhe, como todo o Inverno passado!... Ah!... Dava tudo para beber um gro-

quel sabe?... Iam rebentando comigo nesta espelunca!... Já viu a geleira que é?... Impossível! Está-se melhor cá fora!... mas que incrível!... Ah! o cadáver ali fica bem conservado!...

Ainda tirou a cabeça de fora, debaixo da grande capota, quando iam começar a andar... Para apreciar a quinta no seu conjunto... Os guardas em continência... Chicote, cocheiro!... Partiram num turbilhão, direitos a Persant... A bófia, o escrivão e os civis não quiseram saber de mais! Esqueiraram-se atrás deles ainda não eram passados cinco minutos... Os jornalistas esses voltaram... Tiraram mais fotografias... Sabiam-na toda aqueles finórios! Ah! tinham os olhos abertos... Conheciam toda a jigajoga.

— Ora! Ora! — disseram eles para nós... — Não estejam ralados... É evidente que vocês não têm nada a ver com aquilo!... São tudo chineses dele! Banais formalidades! Para inglês ver! Um pró-forma! Não se devem apouquentar! Vão libertar-vos já! É só para dar nas vistas! — Mas a velha mesmo assim estava desolada...

— Nós já o conhecemos!... Não é a primeira vez que o vamos trabalhar!... Se ele suspeitasse a sério tinha aqui ficado muito mais tempo! E mais! tinha-vos embarcado a todos que era um regalo!... Ah, aí é que ele não hesitava! Sabemos bem como ele é! Era só ele ter sombra duma dúvida! Zás! Estavam-lhe no papo! Ah! É terrível, ele, quando tem dúvidas! Ah! não fica perdido nas nuvens... Aqui-lo é a quadrilha do olho vivo! Ui não se deixa ir em cantigas!

— Então os senhores estão certos de que ele não vai voltar?... que não foi só por causa do frio?... Talvez tenha sido por isso que ele se foi embora?...

— Ah, mas nos mirantes não tem ele frio! Ah! Podem ficar sossegados que foi só uma brincadeira! Pois claro! Se fosse eu não me ralava mais! Ele veio aqui para nada!... E nesse caso!... hem?... Para quê chatear mais? — Eram todos da mesma opinião.

Subiram para a carripiana... Já iam a falar de gajas... Tinham de se pôr em marcha devagatinho... os eixos davam cá cada esta-

Correcção da bibliografia de Eduardo Batarda

14 Antologia do humor português, selecção e notas de Vergílio Martinho, Ernesto Sampaio, prefácio de Ernesto Sampaio, desenhos de Carlos Ferreiro, Eduardo Batarda, João Machado e José Rodrigues, Lisboa, Afrodite, 1969. ✓

2 Antologia de poesia latina erótica e satírica, selecção, tradução e notas de Custódio Magueijo, J. Lourenço de Carvalho e José António Campos, prefácio de José Martins Garcia, Afrodite, [s.d.].

16 O encoberto, Natália Correia, Fernando Ribeiro de Mello, Afrodite, 2ª ed., Porto, Inova, [s.d.].

MONOGRAFIA

2 O peregrino blindado, Batarda Fernandes, José Lopez Werner, Galeria 111, Lisboa, 1973.

CATÁLOGOS

Eduardo Batarda no CAMB, Eduardo Batarda, coord. Beatriz Gentil, Hugo Dinis, design gráfico Ana Carvalho, Lisboa, Galeria 111, Novembro 2010.

2 Eduardo Batarda: miniaturas e pequenos formatos, Miguel von Hafe Pérez, Eduardo Batarda, coord. Rui Brito, projecto gráfico Bruno Marchand, fotogr. Roberto Santandreu, Galeria 111, Lisboa, 2004.

14 Eduardo Batarda: cataventos, tatuagens, suburra: pintura: 2001/2002, Eduardo Batarda, coordenação Maria Arlete Alves da Silva, Galeria 111, Lisboa, 2002. 2000

2 Eduardo Batarda: cataventos - paisagens - suburra: pintura: 200- 2001, Eduardo Batarda, tratamento de texto Rui Brito, Galeria 111, Porto, 2001.

14 Pintura / Eduardo Batarda, Eduardo Batarda, Ernesto de Sousa, António Cerveira Pinto, Galeria 111, Lisboa, 1992.

2 A sombra do sangue = L'ombre du sang, José Amaro Dionísio, Eduardo Batarda, Comissariado para a Europália 91, (Livro de artistas), D.L., Lisboa, 1991.

Eduardo Batarda Pinturas: 1985/86/87, Eduardo Batarda, Galeria 111, Lisboa, 1987.

Eduardo Batarda, Eduardo Batarda, desdobrável, Galeria Zen, Porto, 1986.

Eduardo Batarda, Eduardo Batarda, direcção gráfica Fernando Direito, Galeria 111, Lisboa, 1985.

PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS E MONOGRAFIAS

Regras de títulos em francês

Cordeiros 2002 - *Mestres da pintura*, coord. Lina Cordeiro, design Atelier Rui Cunha, Galeria Cordeiros, Porto, 2002.

EDP. Arte: *prémio desenho, prémio pintura*, coord. João Pinharanda e Anabela Sousa EDP, Lisboa, 2001.

Citações, situações: uma travessia antológica = *Quotations, situations: an anthological trip through Oporto galleries*, coord. ed. Eduardo Paz Barroso, apresent. Miguel von Hafe Pérez, textos Eduardo Paz Barroso, Cristina Pimentel, Porto 2001 SA], Porto, 2001.

Porto 60/70: *os artistas e a cidade*, coord. Cláudia Gonçalves, Maria Ramos, apresent. Vicente Todolí, José Rodrigues, textos João Fernandes, Fátima Lambert, Fernando Pernes, Asa, Árvore-Cooperativa de Actividades Artísticas, Museu de Serralves, Porto, 2001.

Um oceano inteiro para nadar = *Spanning an entire ocean*, coord. Culturgest, textos Ruth Rosengarten, Paulo Reis, Culturgest, Lisboa, 2000.

Eduardo Batarda, *pintura*, João Miguel Fernandes Jorge, Galeria 111, Lisboa 2000.

Diez artistas portugueses contemporáneos: colección Manuel de Brito, Museo de la Ciudad de Madrid, Icep, Lisboa, 2000.

Anos 60, 70, 80: *pintura portuguesa*, Jablonka Gallery (Colónia, Alemanha), planificação e fotografia Antiks design, texto de esculturas João Teixeira, Galeria Antiks Design, Lisboa, 2000.

Miradas atlânticas: galerias portuguesas convidadas, texto de João Lima Pinharanda, Ministério da Cultura, Lisboa, 1998.

Eduardo Batarda: *pinturas, 1965-1998*, coordenação de Alexandre Melo, design gráfico Beatriz Gentil, introdução Jorge Molder e Rui Sanches, Fundação Calouste Gulbenkian, Centro de Arte Moderna José Azeredo Perdigão, Lisboa, 1998.

The pop 60s: travessia transatlântica = *transatlantic crossing*, organizado por Marco Livingstone, textos Marco Livingstone, Constance W. Glen, Alexandre Melo, design Atlândia, Centro Cultural de Belém, D.L., Lisboa, 1997.

Hors Texte, António de Campos Rosado, Françoise Knabe e Susana Neves, Venda Nova, Lisboa, 1997.

49th Frankfurt Book Fair: 15-20 October 1997, Ed. Ministério da Cultura, Portugal, Frankfurt, 1997.

Hors catalogue: un projet Gulbenkian à propos de sa collection, Maison de la Culture d'Amiens, Amiens, França, 1996.

Poema «Canto D'Um Retrato», de Teixeira de Pacoaes

CANTO D'UM RETRATO

(N'UM ALBUM...)

Vi no meio d'um campo uma arvore cheia d'hera
Onde zumbia alegre a doce mariposa...
E recordei-me então do Espirito que gera,
N'um dia de primavera,
Dois lagos côr de ceu n'um oasis côr de rosa!...

Poema «Egipto», de Teixeira de Pascoaes

O EGITO

(Ao meu intimo Mario Negrão Monterroso)

O' Egito! O' Egito! O' terra fabulosa!...
O' brancos areaes! O' planicie arenosa!...
Eu não vejo ninguém trilhar teu vasto solo...
A Solidão te abraça... e sorris no Oriente!...
E, ó triste moribundo, a estrella incandecente
Estendeu para ti a ingratidão dos polos!...

Em cada areia triste, esqueleto gigante,
Eu leio o teu passado e choro o teu Futuro!...
Embora! No teu negro e funereo semblante
Não se conhecem já as nodos do monturo!...
Vejo-te atravessar os seculos inclemente...
Emquanto que no teu imenso descampado
Anda a negra Soidão, no tambor do Passado,
A vibrar, sem receio, um som cristalizado
Ecoando no valle escuro do Porvir
E atravasando o espaço ameaçadoramente...

Pois quem sabe o que vem, quem sabe o que ha de vir!

Reina o silencio ali... Como oceano sublime,
Deslisa, sobre a areia, a inundaçã do Crime!...
Crime! é o voar do tempo... horror as suas leis...
Que vão prendendo o Ser, em cadeias d'anneis,
A' funda sepultura... O' labirinto immenso!...
Onde Deus penetrou vestido de soldado...

Ali guerreou Pompeu, ali andou Moysés,
Trilhando o grande ceu debaixo de seus pés!...
Ali andou o Senhor, ali andou Jesus...
Desmoronou-se, emfim, o braço d'uma cruz!...

O' Thebas opulenta! O' villa de cem portas!...
Jazes caída por terra... E cem guardas mortas
Caminham no silencio... Em noites de luar,
Preguejarei contigo as orações do mar...
Isto tudo é sublime! Imensa melodia!...
Cada mumia um heroe, cada areia uma poesia!...

Adiante de Suez, em campinas sem fim,
Eu vejo reluzir o vulto de Caim
Solitario, medonho; como quem procura ainda
Cravar a sua garra e vil e sanguinaria
N'um 'spirito de luz e de bondade infinda,
N'uma caverna atroz, deserta e solitaria!...

— O' ironia! triste e futil pensamento!...
Tudo — tudo o que é grande atira tudo ao vento!...
Tudo — tudo isto é um sonho... O pobre é miseravel...
Vã loucura... — O' riqueza, ó ouro abominavel!...
Tudo isto acabará... tudo isto é igual:
O riso d'uma mãe, o dente d'um chacal!...

Ruinas mais adeante ameaçam o mar Morto.
O sangue cobre ainda os lagedos do Horto...
Golgotha n'horisonte. E mais abaixo Sião,
Banha-se com prazer nas aguas do Jordão...»
N'esta paizagem triste, e erma, e solitaria,

Anda o tempo a correr, a rir furiosamente,
'Scondendo com a sua aza feroz e sanguinaria
Esse imperio de luz brilhante e onnipotente!...

O' tempo! O' triste ideia! O' triste pensamento!...
Transformas um gigante em cinzas, n'um momento!...
Aonde existiu um mar, deixas uma planicie...
E transformas do sol a grande superficie,
D'incandecente qu'era — essa luz tão brilhante —
Em trevas... qual meteoro ardendo só um instante!...
Esse mar de paixões, a Beatriz do Dante...
Esse calix doirado a resguardar a essencia
Do imortal amor, d'esse vinho divino,
Que chega a embriagar o labio da innocencia
E a despertar no poeta a musica d'um ninhol!...
Pois essa virgem pura, essa belleza ideal,
Lá, n'uma tarde fria, n'uma tarde d'outomno,
O tempo, esse ladrão com garras de chacal,
Quando ella saboreava o descansar do somno,
Arrebatou-a, a arder, p'r'os lados do Infinito!...

E eram as prisões de marmore e granito!...

Tu transformas, ó tempo, um celebre lugar,
Assim como acabou esse grande Cesar
Em cinza, nada e pó...

— E o que resta agora!...

O' segredo, ó misterio!... Só Deus o não ignora...
O homem, soffrerá essa grande miseria:

O sublime condão não cabe na Material!

— Precipitae um olhar pelo horisonte adeante...

E' vêr como acabou a Beatriz do Dante...
E' presencear o ceu azul, resplandecente...
E' olhar como gira essa estrella cadente,
Em volta do espaço, em volta do infinito...
E' vêr como se muda a rocha de granito
Em areia, em pó...

E é observar, mesmo agora,
Como é que se transforma em noite má, escura,
— O veu que ha de cobrir a geração futura —
O brilho encantador d'uma feliz aurora?!...
Musa! se às vezes olho, em noite tempestuosa,
Se vejo na soidão a linha turtuosa
Onde caminha o mundo, eu vou, cheio de medo,
Devagar, a tremer, esconder-me no leito...
E sinto então bater no vacuo do meu peito,
Como vaga que estoira, em cima d'um rochedo,
Meu pobre coração a despedir trovões!...
Sublime! todo o ser que pensa, sente e ri,
Do palacio opulento às covas dos leões,
Receiam, a tremer, o agudo bisturi,
E meditam, ao luar, nas lavas dos vulcões!...

Todavia o tempo anda, e anda sem parar...
Alem vae roendo a terra a furia do mar
Tornear a montanha a chuva cupiosa...
E, um terreno arenoso em terra boa e fertil,
Em pouco transformar... E um imundo reptil,
Quem imagina se ainda o póde transformar
O tempo n'uma pomba... E, ó Deus, o meu pensar,
Quando se entretém n'essa revista atroz

Foge cá da terra... e n'um vôo instantaneo,
Arrebata o meu Eu d'esta cova feroz
P'r'o lançar outra vez n'um outro subterraneo!...

.....
.....
.....
Eis o Egito d'agora... ermo e abandonado...
Mudo, arenoso e triste... — imenso labirinto! —
Como um astro que ardeu em triste descampado,
Como cratera atroz, lá d'um vulcão extinto!...
Só de manhã trabalha, apparece e labora
Um anjo celestial, um cherubim divino,
Que para muitos é um nectar cristalino
E para toda a gente o rosicler d'aurora!...

Vae declinando o Sol. E eu vou seguindo o trilho,
Mergulhado, sem qu'rer, n'um eterno pensar,
Que me conduz ao Sphing. O ultimo raio solar
Queria dar-lhe ainda o seu antigo brilho!...
O'monumento! O' Sphing! Columna do Passado!
Teu ouvido inda guarda apenas um vestigio,
Como em redoma d'oiro a espada d'um soldado,
Uma epopeia só d'esse antigo prestigio!...
E eu, triste e quieto, assemelhando um monge,
Chegava-me, ao ouvido, o simples murmurar
D'um passado ruidoso, a apparecer de longe,
Como quando se escuta o soluçar do mar!...
E eu vi ali então o antigo lavrador
Picar o casto boi que tinha d'arrastar,
N'um dia tropical, ardente, abrazador,
Tendo perante si uma grande iminencia,
No campo da ignorancia o arado da sciencia!...
Alexandres, Platões — tudo, no mesmo instante,
Accendeu meu c'ração, qual estrella de luz:
Como n'um sol d'Abril um grande diamante
E no alto do calvario a face de Jesus!...
Toda a grandeza antiga, o esplendor do Oriente,
Penetrou atravez do meu escuro craneo;
Como visão radiosa, imensa, onnipotente,
Perpassando, sem medo, um abysmo subterraneo!...

.....
O Passado p'ra nós, ó homens do Presente!
E' a reprehensão d'um pae e uma lição d'avô...
Devemol-o observar com vista intelligente
Qual general d'agora o campo do Waterloo!...
O Passado p'ra nós é uma redea segura
Que nos deve guiar por esta sombra errante:
Fugindo de Cesar, essa nodoa escura,
E resandó a Catão e abraçando a Dante!...

O Passado é um avô, que nos pronuncia ao ouvido
Um conselho d'amor, e um conselho de gloria;
Devemos guardar sempre esse conselho amigo
Que se chama Terror e que se chama Historia...

Já vae passando o Sol os confins do Universo,
Negro, tristonho e rude, e sceptico e perverso,
Como Judas a rir um riso de chacaes,
Levando atraz de si o que não volta mais!...

Poema «Melancolias», de Teixeira de Pascoaes

MELANCHOLIAS

O ceu era de azul — celeste manto —
Cobrindo alegremente a natureza!
E n'aquella alegria a vil tristeza
Caia n'uma rosa em doce pranto!

Era à noitinha. Ouvia-se ao longe o mar...
O poente é um imenso bisturi:
Ó aves que passaes, ide a cantar,
Nuvens de neve e lua sorri, sorri!

*
* *

Pallidas syncopes d'um triste dia,
Qu'enfeitaes os limites do horizonte:
É solitaria a vossa melodia,
Como o pastor que vae trepando um monte...

Mas de que serve? Se n'essa hora até
Debaixo dos frondosos laranjaes
Joga a bisca tomando bom rapé
O monstro imundo dos passados ais?!...

Ó lua, ó lua triste! o teu sorrir
Nunca em treva has de vel-o transformado:

A natureza acorda sempre a rir
Com as lagrimas que o ar tinha chorado!

Excerto do poema «Éras Passadas», de Teixeira de Pacoaes

Olhava p'ro infinito absorto, só, esquecido...
A terra estava só. A's vezes um gemido
D'alguma ave nocturna a pairar na amplidão
Fazia palpitar meu pobre coração.
E olhava de repente, em convulsões de susto
Um herculeo gigante, um pequenino arbusto.
Chegavam-me ao ouvido umas canções ligeiras
De alegres e viris e boas lavradeiras
Que o ar divino e são depressa embalsamava,
Com aroma de luz que ao luar exalava
Um fresco laranjal, no meio d'um pomar:
Pinta as flores, Jesus, com ondas de luar...

A vida para mim, n'esse tempo brilhante,
Era uma linda flor, um fino diamante,
Colocado e unido ao peito de Maria:
Caindo em breve, talvez, na noite da Alegria!...
Repercutiam-se no ar umas canções perdidas,
Mais tristes do que a hora em que se põe o sol...
Uns canticos de dôr entre arvores floridas
Mostravam a mudez d'um lindo rouxinol!
E a lua, lá no ceu, e casta e magestosa,
Diluindo-se n'um mar de perolas brilhantes,
Lançava para a terra, em onda vaporosa,
Um aroma de esplendor para embriagar amantes!...

E n'esta hora sagrada em que a arvore murmura,
Quando deslumbra a terra o suavissimo luar,
Eu vejo branquejar a selva negra, escura,
E d'entre ella surgir, a rir, a namorar,
Como leve vapor que se forma a distancia
— Quasi mal apparece esvae-se n'um instante —
Uma nota gentil da minha linda infancia,
No inferno medonho a Beatriz do Dante!...

RO DE JANEIRO

1 DE NOVEMBRO DE 1977

23/6 18.10

DAS ARTES * DAS

TELXEIRA DE PASCOAES começa por publicar, no jornal *A Flor do Tâmega de Amaral*, os versos satíricos dos «París locais», mas também, já ali, poesia lírica. Desta sua actividade de jornalista literário três elementos, pelo menos, se revelam com interesse histórico-literário: o próprio contraponto da lírica e sátira, mais tarde com significativos avatares (caso de *O Pobre Tolo*, por exemplo); o poema em prosa («Fases Bílicas», que não equivale à adesão a um género, então em expansão (mas também, mais do que nunca, alheio à poética do autor de *Sempre*), antes consuma uma das inúmeras variedades ao poeta *«Enfitebata»* derivado de *Eugénio de Castro*; e o facto de o escritor vir a incluir algumas das composições líricas desse tempo no seu primeiro volume — os *Embrões*, que em 1895 saem dos telas da Tipografia Industrial portuguesa.

Mais tarde, Pascoaes enfeitaria este primogénito do seu estro. E, com efeito, de construção estrófica e extensão variáveis — do madrigalesco (*Canto Dum Retrato* (Num álbum) à inevitável ambição poética de «O Egípcio», por que fecha a colectânea — e numa verificação sempre tradicional mas fruste, as composições do livro só com raras excepções mereciam outra sorte que o repúdio a que foram sujeitas. Ali se cruzam alguns dos tópicos sub-românticos em registo inconfundível. Não falta o convencional encômio da Amada, cume da elevação realizada através da contemplação do mar, através do abismar-se perante a noite do infinito e perante ao olhar de Deus e o Pensamento (primeira poesia «A M...»). Envolvo-o a vibração ingenua frente aos espectáculos mais simples da natureza, com destaque enlevo pelo consabido rouxinol (ver as rejuvenescentes «Auroras»), a segunda poesia «A M...», etc.). Nesse cadinho se caldeia o humanitarismo emotivo, ora de pregação ao alegorismo filosófico, ora ideologicamente comprometido, e manifestando-se quer pelo compadecimento sentimental ainda ligado à veneração de Pessoas religiosas, quer no protesto social, antiargentário e anticlerical («A Enfeitada», «A Pascoa», «O Egípcio» e passim). Em consonância, temos a singularização do Poeta, que tanto enfrenta abertamente o obscurismo «Porvir», como se toma de sentimentalidade saudosa (não vai além dela, ainda, a alira da sau-

dade) e se revê num rouxinol melancólico e melancólico (cf. «Debaixo dos laranjais»).

Nada disto tem que ver com o Simbolismo e quase nada com o Decadentismo, isto é, com os estilos epocais então dominantes. Mas *Embrões* não está de todo isento dos estigmas dos novos tempos. Em primeiro lugar, porque a contraponto com o futuro, querendo-se embora heróica, reverte em geral à incerteza ou mesmo à prostração. Só o existencialismo alegórico de «As geadas do Norte» termina com a combativa confiança das graças jacobinas e positivistas: «Vêlo a luz da verdade e do Deusulismo e a negra inquisição/ tudo expirou diante de Vobis!...» Ao contrário, o pessimismo dolorido avassalga a consideração da vida presente, em gestas renascências sub-românticas («Melancolias», «Páldas sinéscopes dum triste dia», «A face do Porvir ergue-se alva», etc.) e em raras reformulações finiseculares, como neste passo aberto e pontuado por metáforas de matriz decadista: «Neste pântano tem fundo/Nesta raiva feroz dum condenado/Nesta lágrima infeliz que o bom Jesus/Derramou lá no céu crucificado: //...// Neste monturo ténico e medonho: //...// Neste túmulo triste e sangüífero. //...// A Verdade e o Belo e a Alegria/Enxirram sem um único lamento!...» (pp. 49-50); daí que, deitando da visão da existência como angustioso andar à deriva («Como hei-de viver cá neste mundo.../Eu pobre e manietado sem ter Norte!...»), dizem versos da p. 115, à maneira de Oliveira-Souza, chegue a assombrar o tópico decadentista da morsa libertária: «Se como um triste pária/A caminuai, sem norte,Procuro a solidária/Negra clunpa da Morte...» (p. 111).

A causa desse pessimismo e, logo, o seu possível regate parecem conhecidos: a dor e o sofrimento advém da maldade e da hipocrisia dos homens, do obscurantismo religioso e da injustiça social. Contudo, para o desconforto em que se debate a poesia devia dar largo contributo a crise de Fé patentada nos poemas «A Pascoa», «O crença», «O crença, ó minha amiga bela» (com a sintomática dramatização de «Passa, ao longe, Junqueiro. De repente/Ela esconde-se na urze: quer fugir;/E soltando um gémido incandescente/Corre à pedreira a Estrela do Porvir!...») e «Escombros».

Entretanto, «Fras passadas», a primeira e melancólica composição, introduzia, além daquele pessimis-

mo e desta crise religiosa, um rasto nuclear da obra ulterior de Pascoaes. Tratava-se, como bem notou Jacinto do Prado Coelho, do gesto pelo ir solamento enigmático. «Olhava p'ro infinito, at sorto, só esquecido...» rezava a dada altura aquele poema (p. 30); outro asseverava que «Triste d quem é poeta/No ermo, na solidade...» (p. 104) incertezas diz, no ritmo mais ligeiro da quad de hexâmetros, o canto mais sólido crepuscular os supérfluos acessos de clama e o soneto «Sut ao alto dum monte uma ocasião...», se o aprox mamos da poesia maior de Pascoaes surge, com incipiente versão, não das grandes violências, ma dos passos que a elas conduzem.

O discursivismo narrativo do poema inicial v vera também, e fundamentalmente, de outra cência profunda da obra madura de Pascoaes: ligação umbilical à infância. Beneficiada pelo co traste com o convencionalismo inconfundível (« mático e expressivo) de quase todo o texto de Em brões, a sua evocação transpira maior frescura d língua: é que, à pervivência mnésica da infân cia, é impulso ingenuo e intermínio do verbo de pas coas, embora em *Embrões* sofra, talvez, o influx dum Nobre também lembrado (como um pouc todo o Decadentismo) por um ol outro dos esor cos desequilibrados de metatortismo audaz (v.g., « poente é um ineniso bistrui», p. 187).

Aparentemente ainda dos outros aspectos de Em brões, que se conectam com a obra posterior d Pascoaes, a gestação da sua mundividência, a teodiceia (e titânica antropologia) da sua poesia maior anunciam-se já no conteúdo da recorrent exaltação de Jesus, com a inquéitação metafisic em que a crença católica fica subvertida. Em Em brões, Jesus é constante personificação da bonda de, da pureza, do ideal, tal como Calim (bem mal raro e ainda não objecto de valorações positivas) emblema da maldade.

Por outro lado, se o Junqueiro do evoluído nismo desta haverá de tocar, no ciclo definido de Pascoaes, a gestação da sua mundividência, o Junqueiro do combate jacobino é constante pre sença em *Embrões*, cujo pobre estilo é também dever da reformulação pelo mestre imposta l linguagem romântica. E, por detrás de Junqueiro difusos recursos ao historicismo e ao orientalismo — ora em anódinas imagens, ora em motivos que preferiam meditações sobre o humano destino (grunha, Spesa, «O Egípcio») — deixam vislumbra a figura tutelar de V. Hugo.

C. Seabra Pereira

Excerto da filmografia antiga, de Manoel de Oliveira

.....FILMOGRAFIA DE MANOEL DE OLIVEIRA (a actualizar)

Douro, faina fluvial, 1931 (versão muda), 1934 (versão sonora), (510 metros, 18'); 1994, nova montagem com música de Emmanuel Nunes
 Estátuas de Lisboa, 1932, (100 metros), (documentário inacabado, distribuído comercialmente contra a vontade de Manoel de Oliveira)
 Hulha branca, 1935, sob o nome de Cândido Pinto, 7' (perdido)
 Já se fabricam automóveis em Portugal, 1938, (11'), (perdido)
 Miramar, praia das rosas, 1938, (10'), (perdido)
 Famalicão, 1940, (24')
 Aniki Bobó, 1942, (102')
 O pintor e a cidade, 1956, (28')
 O coração, 1958, (documentário inacabado, 16mm)
 O pão, 1959, (58'), (versão de 1620 metros; existe uma segunda versão de 660 metros)
 As pinturas do meu irmão Júlio, 1959, (15'), (16 mm)
 Acto da Primavera, 1963, (94')
 A caça, 1963, (21')
 Vila Verdinho, (20'), (16mm), oferecido à família Meneres
 O passado e o presente, 1971, (115')
 Benilde ou a Virgem-Mãe, 1975, (110')
 Amor de perdição, 1978, (265'), (16 mm)
 Francisca, 1981, (166')
 A visita, memórias e confissões, 1982, (70'), (autobiográfico, inédito comercialmente)
 Lisboa cultural, 1982, (58'), (16 mm)
 Nice, a propos de Jean Vigo, 1983, (58')
 Le soulier de satin, 1985, (415'; existe uma versão reduzida)
 Simpósio Nacional de Escultura, 1985, (60'), (co-realização com Manuel Casimiro)
 O meu caso, 1986, (87')
 A bandeira nacional, 1987, (8'), (16 mm)
 Os canibais, 1988, (90')
 Non, ou a vã glória de mandar, 1990, (112')
 A divina comédia, 1991, (140')
 O dia do desespero, 1992, (75')
 Vale Abraão, 1993, (187')
 A caixa, 1994, (93')
 O convento, 1995, (90')
 Party, 1996, (95')
 Viagem ao princípio do mundo, 1997, (95')
 Inquietude, 1998, (110')
 A carta, 1999, (107')
 Palavra e utopia, 2000, (130'),
 Vou para casa, 2000 (N/D)

Projectos não realizados:

9 de Abril, 1929
 A bruma, 1931

Filmografia da Cinemateca

FILMOGRAFIA

MANOEL DE OLIVEIRA, O REALIZADOR

1931**DOURO, FAINA FLUVIAL**

Produção, realização, argumento, sequência e montagem: Manoel de Oliveira

Fotografia: António Mendes

Música (da versão sonora, produzida em 1934): Luís de Freitas Branco; Música da versão revista por Manoel de Oliveira em 1994: *Litanie du feu et de la mer*, de Emmanuel Nunes.

Som: Fernando Venalde y Eder e Luis V. Frazão
Metragem/Duração: 575 metros / 23 minutos / 35mm / P&B

Estreia em Portugal: Salão Central, 21 de Setembro de 1931 (versão muda).

Cópia restaurada pela Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, em 1993.

Estreia da versão sonora, com música de Luís de Freitas Branco: Tivoli (Lisboa) e São João (Porto), acompanhando a estreia de GADO BRAVO, 8 de Agosto de 1934.

Estreia da nova versão, revista por Manoel de Oliveira em 1994 a partir dos materiais de imagem da versão muda de 1931, restaurada pela Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, em 1993: Festival "Il Cinema Ritrovato", Bolonha, Julho de 1995.

Estreia em Portugal: Cinemateca Portuguesa, 18 de Junho de 1996.

1932**HULHA BRANCA**

EMPRESA HIDRO-ELÉCTRICA DO RIO AVE

Produção: Hidro-Eléctrica de Portugal

Realização, argumento e montagem: Manoel de Oliveira (assina como Cândido Pinto)

Fotografia: António Mendes

Produção executiva: Manoel de Oliveira

Metragem: 200 metros / 8 minutos / 35mm / P&B

Nunca estreou comercialmente.

Primeira apresentação pública a 17 de

Dezembro no Cinema Rivoli, no Porto e a 18 de Dezembro de 1998 na Sala Dr. Félix Ribeiro da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema.

1938**PORTUGAL JÁ FAZ AUTOMÓVEIS****ou****JÁ SE FABRICAM AUTOMÓVEIS EM PORTUGAL**

Produção: Lisboa Filme, Manoel de Oliveira

Realização, argumento, sequência

e montagem: Manoel de Oliveira

Fotografia: António Mendes

Música: Carlos Calderón

Locução: Fernando Pessa

Produção executiva: Manoel de Oliveira

Metragem/Duração: 300 metros / 9 minutos / 35mm / P&B

Estreia em Portugal: Trindade, 3 de Fevereiro de 1938, acompanhando a estreia de ROSA DO ADRO de Chianca de Garcia.

Só subsiste a banda-imagem deste filme.

MIRAMAR, PRAIA DAS ROSAS

Produção: Lisboa Filme

Realização, argumento, sequência e

montagem: Manoel de Oliveira

Fotografia: António Mendes

Música: Carlos Calderón

Locução: Fernando Pessa

Produção executiva: Manoel de Oliveira

Metragem/Duração: 257 metros / 9 minutos / 35mm / P&B

Estreia em Portugal: Odéon, Palácio, 22 Junho 1938,

na estreia do filme OS FIDALGOS DA CASA

MOURISCA de Arthur Duarte.

Não se conhece o paradeiro de qualquer cópia ou material deste filme.

Filmes presentes na secção de produção

Ritmos de água, 1931
Miséria, 1932
Roda, 1932
Luz, 1933
Gigantes do Douro, 1934
A mulher que passa, 1934
Desemprego, 1934
Prostituição, 1935
Hino de paz, 1940
Saltimbancos, 1944
Noite de luar, 1948
Angélica, 1952
O mar, 1953
Pedro e Inês, 1954
Vilarinho das Furnas, 1956
O bairro de Xangai, 1958
De 2000 não passarás, 1958
Palco dum povo, 1958
A velha casa, 1958
A mulher do ladrão, 1964
O caminho, 1973
A República, 1974
O negro e o preto, 1979
De profundis, 1981
A estátua, 1987



Produção:

O pintor e a cidade, 1956
O pão, 1959
As pinturas de meu irmão Júlio, 1959
Acto da Primavera, 1963
A caça, 1963
O passado e o presente, 1971

Argumento:

Aniki-Bobó, 1942
O pão, 1959
A caça, 1963
O passado e o presente, 1971
Benilde ou a Virgem-Mãe, 1975
Le soulier de satin, 1985
Os canibais, 1988
Non, ou a vã glória de mandar, 1990
A divina comédia, 1991
O dia do desespero, 1992
Vale Abraão, 1993

Informação incompleta na filmografia

Interpretação: Ricardo Trêpa (Isaac), Pilar López de Ayala (Angélica), Filipe Vargas (marido), Leonor Silveira (mãe), Luís Miguel Cintra (engenheiro), José Manuel Mendes (Dr. Matias), Adelaide Teixeira (Justina), António Reis (António), Ricardo Aibéo (Mendigo), Sofia de Portugal (enfermeira), Carmen Santos (mulher do Fotógrafo), Susana Sá (D. Rosa), Daniela Costa (Amiga Angélica 1), Sónia Botelho da Silva (Amiga Angélica 2), Susana Figueiredo (Amiga Angélica 3), Sónia Botelho da Silva (Amiga Angélica 4) Ana Maria Magalhães (Clementina), Paulo Matos (Homem da Gabardine), Sara Carinhas (Freira), Maria Marques Gomes (1ª Senhora), Maria Luísa Maia Pinto (2ª Senhora), José Carlos Coutinho (Padre), Luís Machado (Médico), Afonso Bonito (Feitor), Andreia Vasconcelos (Amiga).
Duração: 97 minutos / digital / cor

PAINÉIS DE SÃO VICENTE DE FORA - VISÃO POÉTICA

Produção: Fundação de Serralves

Realizador: Manoel de Oliveira

Argumento: Manoel de Oliveira

Imagem: Francisco Oliveira

Produtor Executivo: Silvério Canto Moniz










Montagem: Valérie Loiseleux

Guarda Roupas: Adelaide Maria Trêpa

Assistente de Realização: Francisco Pinhão Botelho

Som: Branco Neskoff

Interpretação: Ricardo Trêpa (São Vicente), Diogo Dória (Infante),

	Daniel Punilhas	... Árabe
	Ângelo do Carmo	... Judeu
	Jorge Trêpa	... Pobre
	António Velez	... Relíquia
	Mário Valença, Ramiro Pereira, Gilberto Canto	... Frades
	José Luís Trêpa, José Coelho, Manuel Garcia	... Pescadores
	Pedro Ralha, Emídio Miguel, António Lourenço	... Guerreiros
	Ricardo Portugal, Eduardo Monteiro	... Cavaleiros
	Cristóvão Antão, Rui Antão, Diogo Antunes, André Carvalho, Luís Couto, Paulo Delgado, Paulo Fernandes, Valter Fernandes, António Ferreira, Urbano Ferreira, Urbano Ferreira, Paulo Meirinhos, Carlos Moreira	... Pauliteiros

Duração: 16 minutos / digital / cor

2012

O GEBO E A SOMBRA / GEBO ET L'OMBRE

Produção: MACT Productions ; O Som e a Fúria

Realizador: Manoel de Oliveira

Argumento e diálogos: Manoel de Oliveira, a partir da peça homónima de Raúl Brandão

Produtores: Antoine de Clermont-Tonnerre, Martine de Clermont-Tonnerre, Luís Urbano

Imagem: Renato Berta

Produtor Executivo: Jacques Arhex, Frédéric Sevestre

Montagem: Valérie Loiseleux

Cenografia: Christian Marti

Guarda Roupas: Adelaide Maria Trêpa

Assistente de Realização:

Som: Henri Maïkoff

Anotadora: Júlia Buisel

Interpretação: Micahel Lonsdale (Gebo), Claudia Cardinale (Doroteia), Jeanne Moreau (Candidinha), Ricardo Trêpa (João), Leonor Silveira (Infante), Luís Miguel Cintra